



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

STEFANNY LOUÍSE DÖRNER FREITAS

**RESPONSIVIDADE MATERNA:
UMA INTERPRETAÇÃO ANALÍTICO-COMPORTAMENTAL**

Londrina
2018

STEFANNY LOUÍSE DÖRNER FREITAS

RESPONSIVIDADE MATERNA:
UMA INTERPRETAÇÃO ANALÍTICO-COMPORTAMENTAL

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Análise do Comportamento, do Departamento de Psicologia Geral e Análise do Comportamento, da Universidade estadual de Londrina como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestra em Análise do Comportamento.

Área de concentração: Análise do Comportamento.

Orientadora: Profa. Dra. Marcia Cristina Caserta Gon.

Londrina
2018

STEFANNY LOUÍSE DÖRNER FREITAS

**RESPONSIVIDADE MATERNA:
UMA INTERPRETAÇÃO ANALÍTICO-COMPORTAMENTAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Análise do Comportamento, do Departamento de Psicologia Geral e Análise do Comportamento, da Universidade estadual de Londrina como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestra em Análise do Comportamento.

Área de concentração: Análise do Comportamento

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Profa. Dra. Marcia Cristina Caserta Gon.
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Profa. Dra. Marília Bazan Blanco
Universidade Estadual do Norte do Paraná - UENP

Profa. Dra. Nadia Kienen
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Londrina, 03 de abril de 2019.

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UEL

FREITAS, STEFANNY LOUISE DÖRNER .

Responsividade materna: uma interpretação analítico-comportamental / STEFANNY LOUISE DÖRNER FREITAS . - Londrina, 2019.
68 f.

Orientador: Marcia Cristina Caserta Gon.
(dissertação) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Ciências Biológicas, Programa de Pós-Graduação em Análise do Comportamento, 2019.
Inclui bibliografia.

1. Responsividade materna. 2. Desenvolvimento humano. 3. Análise do Comportamento. I. Gon, Marcia Cristina Caserta. II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Ciências Biológicas. Programa de Pós-Graduação em Análise do Comportamento. III. Título.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer aos meus pais, pelo amor e carinho com que sempre me trataram, desde o momento de meu nascimento, durante a vida escolar até os dias atuais, sempre buscando superar as limitações, financeiras e emocionais, para que eu pudesse estudar e lutar pela minha liberdade, autonomia e dignidade. Sem vocês, nada disso seria possível, talvez nem viável. Quanto mais eu estudo sobre comportamento, mais certeza tenho de que o zelo e o esforço de vocês em buscarem, mesmo com todas as limitações culturais e históricas de cada um, a forma mais responsiva possível de me educar, que sempre foi com amor, é o que me torna tudo o que sou hoje. Eu amo vocês!

À minha irmã, Camila, minha “pixula”. Pessoa com quem divido a minha vida. Você nasceu para nos desafiar! Sua coragem e senso de justiça são contagiantes! Sou grata por poder compartilhar minhas experiências com você, tão jovem e tão esperta. Nossa história, não marcada somente por bons momentos, nos tornou ligadas afetivamente de forma intensa. Obrigada pelo carinho e por toda a força que você me dá. Você sempre estará em meu coração. Eu te amo muito!

Ao meu amor, Valdeci. Com uma preocupação significativa de encontrar as melhores palavras, te agradeço. Você também entrou na minha vida para me desafiar! Depois de você, muita coisa mudou na minha vida: sou mais compreensiva, mais sensível, mais crítica, mais madura e, pelo menos um pouco, menos insegura. Nunca me esquecerei de todo o fortalecimento emocional que você me proporcionou e continua a proporcionar. O respeito com que me trata é o que me faz te amar a cada dia mais. Sem você, também, o mestrado não seria possível. Abriu mão de muitos reforçadores para poder me ajudar, financeiramente e emocionalmente. Serei sempre grata a isso, pois vejo o mundo com outros olhos agora. Muito obrigada por permanecer na minha vida, você sabe que só permanece pelo que você é, pelos valores que compartilha e pela relação maravilhosa que temos, aberta e respeitosa.

Aos meus avós, Diva e Mario, Vilma e Hildo (em memória), que, com toda a limitação histórica, cultural e financeira de seus contextos, foram capazes de educar pessoas maravilhosas, lutando sempre por dignidade. Nada se compara aos valores que me ensinaram e ensinam. Jamais esquecerei de tanto exemplo de amor que pude ter com vocês.

À minha afilhada, Isabella, que mesmo tão pequenina, me ensina tanto sobre relações humanas e sobre o mundo em geral. Me desperta esperança e desejo de estudar mais sobre desenvolvimento infantil. À sua mãe, Julia, minha prima, que além de ter compartilhado vivências importantíssimas na infância, me deu a oportunidade de ser madrinha da Isa. Serei sempre grata por essa linda experiência que marcou e marca minha vida. Amo vocês!

Aos meus demais familiares, que sempre compreenderam minhas ausências e momentos de estresse, fortalecendo-me com palavras acolhedoras e apoio, cada um a seu modo. Muito obrigada!

À minha orientadora, Marcia, pelo carinho com o qual me acolheu, principalmente na fase inicial do mestrado, onde tive muitas dificuldades. Pelas várias orientações, na universidade, online e até mesmo em sua casa, sempre com muita afetividade. Agradeço também por respeitar minha opinião, minha história, mesmo quando pensava de forma diferente. Você transformou momentos aversivos em possibilidades de crescimento. Obrigada pelo melhor feedback: “Parabéns! Compare seu trabalho na primeira versão e agora o quanto melhorou. Chora, mas faz!”. Isso me define, representa a íntima relação entre limites e potencialidades. Meu muito obrigada, sem você eu não teria conseguido chegar ao final dessa fase.

Às mulheres maravilhosas que conheci no mestrado, Deisy, Bia, Mari, Greicy, Giu e Marcela, vocês são incrivelmente especiais. Para mim, são exemplos de coragem e inteligência. Obrigada por todos os momentos vividos e por não me deixarem desistir, nem do mestrado, nem de lutar pelos valores nos quais acredito e por me ajudar a construir um mundo mais igualitário, onde o machismo não tem espaço. Muito obrigada, de coração! Estaremos sempre juntas!

Às mulheres da minha vida, que me fortalecem a cada momento de convivência. Todas!
Cada uma a seu modo, brilha e transforma o mundo!

Aos amigos que conheci no mestrado e que foram responsáveis por me fazer acreditar na possibilidade de homens sensíveis a questões éticas importantes para mim, como é o caso da igualdade social. Parabéns pela postura de vocês. Acauã, Alan e Fábio, vocês foram muito próximos de mim nessa fase, onde eu vivi muitas dificuldades. Sou muito grata por todas as experiências e a relação afetiva que construímos, cada uma delas com suas peculiaridades.

Às minhas demais amigas, que me fortalecem e me ajudam a discriminar e desenvolver minhas potencialidades. Vocês são muito importantes para mim, cada uma à sua maneira. De maneira especial, Karen e Bruna, que me acompanharam mais proximamente nos últimos anos, muito obrigada por todo o carinho de vocês.

Aos professores que me acompanharam no mestrado, e também aos professores de toda a minha vida escolar, todos vocês deixaram marcas importantes em minha vida. Em especial, professora Nádia e Camila, que puderam me mostrar que a pós-graduação não precisa ser um momento aversivo, e por serem modelos de profissionais e pessoas que me inspiram. De forma geral, todos são responsáveis por momentos de crescimento que tem um valor imensurável, que me acompanharão ao longo de minha existência. Eu sempre irei amar os professores! Tenho orgulho dessa classe. Não percam a esperança na educação, ela é o principal caminho para a construção de um mundo melhor.

Às professoras Nádia Kienen e Marília Bazan, Ednéia Hayashi e Silvia Fornazari, por terem aceitado contribuir com meu trabalho, na minha banca de defesa. Às professoras Silvia Fornazari e Maria Luiza Marinho, que fizeram contribuições importantes ao meu trabalho na qualificação.

Por fim, gratidão a todas as pessoas que me incentivam na minha caminhada. Vocês fazem a vida ser mais leve e gostosa! Muito obrigada!

FREITAS, Stefanny Louíse Dörner. **Responsividade materna**: uma interpretação analítico-comportamental. 2019. 68 f. Dissertação (Mestrado em Análise do Comportamento) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2019.

RESUMO

A responsividade é considerada fundamental para a compreensão do desenvolvimento socioemocional do indivíduo. O objetivo dessa dissertação consiste na identificação e análise das principais conceituações de responsividade materna apresentadas na literatura e da discussão destas nos termos da Análise do Comportamento. Para delinear a literatura sobre o conceito, realizou-se uma busca *online* nas bases de dados *Web of Science*, *PsycInfo (APA)*, *Pubmed*, *LILACS* e nos periódicos *Journal of the Experimental Analysis of Behavior (JEAB)* e *Journal of Applied Behavior Analysis (JABA)*, por serem periódicos tradicionais e conceituados na área da Análise do Comportamento. Esta pesquisa resultou na seleção de 50 artigos para análise. Por meio da leitura de tais artigos, identificou-se as principais definições utilizadas para compreender o fenômeno da responsividade materna. A partir disso, as reflexões construídas foram apresentadas em três categorias: 1) Referências bibliográficas identificadas na literatura sobre a definição do conceito de responsividade materna: neste tópico são apresentados quais autores embasam as principais definições adotadas para o conceito de responsividade bem como a maneira pela qual é compreendido; 2) Responsividade como sinônimo de sensibilidade: nesta categoria discute-se como vários autores apresentam uma forma de compreender a responsividade como sinônimo de sensibilidade e/ou sensibilidade; e 3) Responsividade e Análise do Comportamento: neste ponto se apresentam reflexões a respeito de como a Análise do Comportamento como uma ciência que estuda fenômenos do desenvolvimento poderia interpretar o conceito de responsividade materna. Nesse sentido, alguns conceitos da Análise do Comportamento foram elencados para fundamentar tal leitura: comportamento operante, efeitos de fortalecimento e de prazer, discriminação operante e generalização. Assume-se ser necessário, para uma interpretação analítico-comportamental da responsividade materna, uma tentativa de diálogo com outras teorias da Psicologia do Desenvolvimento, mesmo que estas sejam de origem estruturalista ou mentalista. Conclui-se assumindo a defesa de que os analistas do comportamento podem beneficiar-se da adoção de uma postura teórico-científica que busque equilibrar aspectos estruturais e funcionais para a explicação de fenômenos comportamentais. Entende-se que tal proposta, longe de abandonar a postura crítica de Skinner em relação a análises mentalistas e estruturalistas, permite o aproveitamento de ambas as análises, culminando num processo mais completo de compreensão dos fenômenos do desenvolvimento, como é o caso da responsividade. Sugere-se ainda que a variável cultural seja mais explorada nos estudos sobre responsividade, visto que há evidências de variação nas práticas parentais entre culturas, nas quais implicam-se os valores éticos de cada uma. Assim, pensando a partir de uma ética behaviorista, importantes consequências na sociedade podem advir da promoção desse repertório, desde questões relacionadas às mudanças nas práticas de interação no cuidado infantil, como maior proximidade e atenção, por exemplo, até o rompimento de paradigmas envolvendo o papel da mulher e do homem na sociedade. Assim, esse conceito deve ser explorado de forma mais ampla, não apenas como um atributo exclusivo da mãe. Por fim, acredita-se que a principal contribuição deste trabalho está relacionada com a inserção de um conceito importante da Psicologia do desenvolvimento infantil no campo de estudos da Análise do Comportamento. Entende-se que isso pode impulsionar maiores investigações desse fenômeno em termos operacionais, culminando em um aumento de publicações de estudos de base analítico-comportamental relativos a fenômenos como esse na área da Psicologia do Desenvolvimento.

Palavras-chave: Responsividade materna. Análise do Comportamento. Desenvolvimento.

FREITAS, Stefanny Louíse Dörner. **Maternal Responsiveness: An analytical-behavioral interpretation.** 2019. 68 p. Dissertation (Master in Behavior Analysis) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2019.

ABSTRACT

Responsiveness is considered fundamental for understanding the individual's social-emotional development. The objective of this dissertation is to identify and analyze the main conceptualizations of maternal responsiveness presented in the literature and their discussion in terms of Behavior Analysis. In order to delineate the literature on the concept, an online search was conducted in the Web of Science, PsycInfo (APA), Pubmed, LILACS and the *Journal of the Experimental Analysis of Behavior (JEAB)* and *Journal of Applied Behavior Analysis (JABA)*, because they are traditional periodicals and conceptualized in the area of Behavior Analysis. This research resulted in the selection of 50 articles for analysis. Through reading these articles, we identified the main definitions used to understand the phenomenon of maternal responsiveness. Based on this, the constructed reflections were presented in three categories: 1) Bibliographical references identified in the literature on the definition of the concept of maternal responsiveness: in this topic are presented which authors base the main definitions adopted for the concept of responsiveness as well as the way which is understood; 2) Responsiveness as synonymous of sensitivity: in this category we discuss how several authors present a way to understand responsiveness as synonymous with sensitivity and / or sensitivity; and 3) Responsiveness and Behavior Analysis: At this point, reflections are presented about how Behavior Analysis as a science that studies developmental phenomena could interpret the concept of maternal responsiveness. In this sense, some concepts of Behavior Analysis were listed to support this reading: operant behavior, strengthening and pleasure effects, operant discrimination and generalization. It is assumed that it is necessary for an analytic-behavioral interpretation of maternal responsiveness, an attempt to dialogue with other theories of Developmental Psychology, even if these are of structuralist or mentalist origin. It concludes by assuming the defense that behavior analysts can benefit from the adoption of a theoretical-scientific stance that seeks to balance structural and functional aspects for the explanation of behavioral phenomena. It is understood that such a proposal, far from abandoning Skinner's critical posture in relation to mentalistic and structural analysis, allows the use of both analyzes, culminating in a more complete process of understanding development phenomena, such as responsiveness. It is also suggested that the cultural variable be more explored in the studies on responsiveness, since there is evidence of variation in the parental practices between cultures, in which the ethical values of each are implied. Thus, thinking from a behaviourist ethic, important consequences in society can arise from the promotion of this repertoire, from issues related to changes in the practices of interaction in child care, such as greater proximity and attention, for example, to the breaking of paradigms involving the role of women and men in society. Thus, this concept must be explored more broadly, not just as an exclusive attribute of the mother. Finally, it is believed that the main contribution of this work is related to the insertion of an important concept of Child Development Psychology in the field of Behavior Analysis. It is understood that this may impel further investigations of this phenomenon in operational terms, culminating in an increase of publications of analytical-behavioral studies related to such phenomena in the area of Developmental Psychology.

Keywords: Maternal responsiveness. Behavior Analysis. Development.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Referências bibliográficas citadas para definição da responsividade materna	26
Tabela 2 - Similaridades entre formas de interpretação da responsividade materna	52

SUMÁRIO

1	Introdução.....	10
2	Método.....	20
	Etapa 1 - Levantamento, seleção e leitura de resumos	21
	Etapa 2 - Organização e análise dos dados obtidos.....	21
	Etapa 3 – Seleção e leitura de livros e artigos de Análise do Comportamento Foram selecionados materiais que pudessem contribuir para a compreensão e embasar a discussão da responsividade materna em termos analítico-comportamentais	22
	Etapa 4 - Discussão dos resultados obtidos.....	22
3.	Resultados e Discussão.....	23
3.1	Referências Bibliográficas identificadas na Literatura sobre a definição do conceito de Responsividade Materna	25
	Tabela 1.....	26
	<i>Referências bibliográficas citadas para definição da responsividade materna</i>	<i>26</i>
3.2	Responsividade como sinônimo de Sensibilidade e/ou Sensitividade	32
3.3	Responsividade e Análise do Comportamento.	35
	Tabela 2.....	52
	<i>Similaridades entre formas de interpretação para o fenômeno responsividade materna.</i>	<i>52</i>
4	Considerações finais.....	55
5	Referências.....	59

1. Introdução

O tema desenvolvimento é clássico na Psicologia (Gil, Oliveira & Souza, 2012), sendo interpretado de diversas formas a partir dos referenciais teóricos existentes. A Análise do Comportamento possui um sistema explicativo próprio desse conceito, que se diferencia dos modelos tradicionais mais difundidos na Psicologia (Alvarenga, 2006), sendo importante conhecê-lo, para que, por meio dele, se torne possível discutir e analisar determinados fenômenos psicológicos pertinentes a esse campo.

Na perspectiva da Análise do Comportamento, os termos desenvolvimento humano, psicológico ou comportamental, podem ser entendidos como equivalentes (Vasconcelos, Naves & Ávila, 2010). O desenvolvimento é compreendido a partir da relação do indivíduo com o ambiente, sendo que essa relação é dinâmica e nela, o indivíduo participa de forma ativa modificando o ambiente e sendo modificado por ele (Bijou & Baer, 1980; Skinner, 1957; Vasconcelos et al., 2010). Nessa perspectiva teórica, entende-se ser necessário evitar explicações de origem mentalista, nas quais a causa do comportamento encontra-se em fenômenos internos. Acerca de explicações do desenvolvimento em termos mentalistas, Skinner afirma:

Diz-se que o comportamento de uma pessoa ou cultura passa por vários estágios até atingir a maturidade (...). Conforme sugerem esses exemplos, diz-se que aquilo que cresce é algo que pertence à mente, como em Piaget, ou à personalidade, como em Freud. Mas, se uma criança não se comporta mais como se comportava no ano anterior, não é só porque cresceu, mas também, porque teve tempo de adquirir um repertório bem mais amplo à mercê da exposição a novas contingências de reforço e, particularmente, porque as contingências que afetam as crianças em diferentes idades são diversas. O mundo infantil se ‘desenvolve’ também (Skinner, 1974/2006, p. 60).

Portanto, para Skinner (1974/2006), não se pode compreender o desenvolvimento a partir de estágios maturacionais, mas sim por um olhar contextual, no qual as contingências de reforço operam e vão determinando como o indivíduo se desenvolve. Nessa perspectiva teórica, o tempo é uma dimensão ao longo da qual as mudanças comportamentais são observadas e não a sua causa (Gehm, 2013; Pelaez, Gewirtz, & Wong, 2008).

Considerando o entendimento sobre desenvolvimento a partir da perspectiva analítico-comportamental, Bijou e Baer (1969/1976), em convergência com o pensamento de Skinner (1974/2006), defendem que para elaborar uma Psicologia do desenvolvimento efetiva, deve-se analisar o comportamento da criança, o meio em que ela se desenvolve, as interações recíprocas e contínuas entre comportamento e meio, bem como os estágios dessas últimas.

Quando se fala em estágios das interações, é preciso entender que, na Análise do Comportamento, não se trata de um estágio maturacional que necessariamente é contingente à idade do indivíduo, mas sim a competências comportamentais adquiridas, que são condições que favorecem o desenvolvimento de novos repertórios (Ribes, 1996). Essa ideia também está presente na definição de Bijou e Baer (1969/1976), quando os autores mencionam o caráter progressivo das mudanças comportamentais.

No entanto, apesar de a teoria de Skinner poder contribuir no que tange a discussões sobre desenvolvimento humano, os sistemas explicativos da Psicologia predominantes neste campo de estudo, que apresentam estudos empíricos demonstrando a importância da interação pais-bebê no desenvolvimento socioemocional, em sua maioria, são de natureza mentalista ou internalista. Constatou-se por meio de uma busca realizada no mês de outubro de 2016, nas bases de dados LILACS, Index Psi e Scielo, a partir de combinações das palavras-chaves em português e em inglês: “Análise do Comportamento”, “Desenvolvimento”, “Desenvolvimento socioemocional” e “Interação mãe-criança”, que a Análise do Comportamento não é vista como predominante na produção acerca do desenvolvimento. Dos 2.848 artigos identificados,

apenas quatro estavam publicados em revistas indexadas nacionais, que publicam estudos de base teórica analítico-comportamental, sendo que os demais envolviam estudos de outras abordagens teóricas da Psicologia ou outras áreas do conhecimento, como Psiquiatria, Enfermagem, Pedagogia, entre outros.

De acordo com Gehm (2013), os modelos explicativos acerca da Personalidade e Cognição se deram a partir de teorias diferentes da Análise do Comportamento, a qual tem por base a filosofia do Behaviorismo Radical, e isso dificulta a realização e fundamentação desse recorte teórico na área do conhecimento. Essa pode ser uma hipótese explicativa para o resultado obtido a partir da busca *online* destacada acima.

No Brasil, é observada também uma baixa predominância em produções na área do desenvolvimento por parte da Análise do Comportamento, e que pode estar relacionada ainda à oposição, por parte de Skinner, a explicações mentalistas. Conforme já mencionado anteriormente, o autor procura evitar o uso desse termo por entender que ele carrega uma noção de estágios fixos ou padrões de crescimento e maturação (Abib, 2001) e uma correlação do desenvolvimento com a idade (Pelaez, Gewirtz & Wong, 2008).

Nessa linha, Bettio e Laurenti (2016) afirmam que, à Análise do Comportamento não é dado o devido reconhecimento às produções em desenvolvimento, pois há um maior uso do termo aprendizagem, o que, dentre outros fatores, também é decorrência do fato de que a noção que Skinner apresenta sobre desenvolvimento aparece em fragmentos de vários textos diferentes, não havendo uma obra específica sobre o tema.

Esse posicionamento de Skinner quanto à restrição ao uso do termo desenvolvimento, conforme pontuado por Bettio e Laurenti (2016), é observado em produções de, ao menos, dois periódicos tradicionais conceituados da Análise do Comportamento, que são o *Journal of the Experimental Analysis of Behavior* - JEAB e *Journal of Applied Behavior Analysis* - JABA. Nesses periódicos há várias publicações e estudos envolvendo a interação cuidador-

criança, mas que raramente utilizam o termo, empregando com mais frequência aprendizagem (e.g., Wahler, 1980; Moerk, 1990; Charlop-Christi, Le, Carpenter, Leblanc, & Kellet, 2002; Pollard, Bets & Higbee, 2012; Taylor, DeQuinzio, & Stine, 2012).

No entanto, a noção que Skinner apresenta sobre o comportamento humano pode contribuir significativamente na compreensão dos processos de desenvolvimento, inclusive na infância. Utilizando-se a análise funcional, a partir do conceito de tríplice contingência, pode-se estabelecer as inter-relações existentes entre os eventos antecedentes, a ação e as consequências do comportamento (Gewirtz & Pelaez-Nogueras, 1992).

Considerando o estudo do desenvolvimento socioemocional¹ na perspectiva teórica analítico-comportamental, Matos (1983) pontua a importância de analisar variáveis denominadas proximais que permeiam o processo interativo mãe-criança. Tais variáveis são compreendidas por suas características não estáticas e não homogêneas, mas de caráter dinâmico, e sua observação visa a identificação da “natureza da interação mãe-criança, a quantidade e a qualidade da verbalização materna dirigida à criança, etc” (Matos, 1983, p. 11). A autora destaca a importância de conduzir esse tipo de observação uma vez que “os processos de interação dependem de ambientes específicos, tanto quanto repertórios individuais dependem de características ambientais específicas” (Matos, 1983, p. 12). Os exemplos que a autora cita são: interações com objetos, jogos, uso do ambiente físico, linguagem e condições às quais a criança é exposta, entre outras.

Além disso, na Análise do Comportamento entende-se que a mãe² tem uma função especial que é a de proporcionar reforçadores positivos ao infante, assim como, muitas vezes

¹ Utiliza-se esse termo, tendo em vista seu emprego por autores da área (e.g. Alvarenga et al., 2016; Alvarenga, 2006).

² Referencia-se a mãe tendo em vista a própria literatura, que a utiliza de forma predominante. Na Análise do Comportamento, dá-se enfoque à pessoa que exerce o papel de cuidador da criança, visto que ela, independentemente de ser a mãe, o pai ou outra figura de referência para a criança, é o principal ambiente a influenciar o desenvolvimento da mesma, por meio das interações recíprocas. Bijou e Baer (1969/1976) esclarecem que utilizam o termo “mãe” por entender que, culturalmente, a mãe assume a maior parte dos cuidados com a criança. Nas palavras dos autores: “nos referimos a la persona que proporciona el cuidado como “la madre”, quinquiera que sea la persona, en cualquier ocasion específica” (p. 248). Caberiam outras discussões

tem a função de apresentar estímulos aversivos, como por exemplo “dar remédio”. Nesse sentido, a mãe adquire função de estímulo discriminativo nos processos comportamentais operantes, estabelecendo-se como base para o desenvolvimento socioemocional da criança (Bijou & Baer, 1969/1976).

Um dos comportamentos da mãe considerado fundamental para o desenvolvimento socioemocional da criança é o de responsividade, que envolve contato físico, suporte, atitude positiva, atitude afetiva, cooperação, encorajamento (Alvarenga, Weber & Bolsoni-Silva, 2016). Esse fenômeno caracteriza-se pela atenção, percepção/reconhecimento consistentes da mãe, respostas contingentes e adequadas às sinalizações do bebê, comportamentos que tornam essa interação sincronizada e recíproca (De Wolff & Ijzendoorn, 1997; Drake, Humenick, Amankwaa, Younger, & Roux, 2007). Em outras palavras, o comportamento responsivo se apresenta por “manifestações maternas que indicam atenção, consideração e respeito em relação às necessidades e desejos da criança, quando estes são manifestados de forma assertiva” (Alvarenga & Picinini, 2007, p. 321).

Ainsworth, Blehar, Watters e Wall (1978), Barnard, Morisset e Spieker (1993) e Marvin (1993) (apud Drake et al., 2007), afirmam que, quando o reconhecimento ou interpretação dos sinais do bebê se fazem presentes no repertório comportamental dos pais, esses conseguem promover um sentimento de segurança que permite à criança explorar o ambiente, e, ao mesmo tempo, os pais sabem quando devem consolar ou proteger a criança.

Considerando os argumentos de Alvarenga et al. (2016), é importante esclarecer que o conceito de responsividade envolve, por outro lado, o fortalecimento de repertórios autônomos da criança, o que exige dos pais comportamentos não intrusivos (e.g. não interrompimento de ações da criança enquanto ela as executa). As autoras enfatizam que essa autonomia permite à criança uma variabilidade comportamental para agir sobre o mundo,

umentando sua previsibilidade sobre eventos sociais, e, conseqüentemente tornando seu repertório socioemocional mais competente.

Contudo, embora a responsividade materna seja considerada fundamental para a compreensão do desenvolvimento socioemocional (Milgrom, Westley & Gemmil, 2004; Richter, 2004; Drake et al., 2007), existem algumas limitações no que concerne à sua investigação científica. Alvarenga e Picinini (2007) afirmam que há uma limitação no que diz respeito a avaliações da responsividade materna enquanto um fator preditor para a compreensão do desenvolvimento socioemocional. Ribas, Moura e Ribas Junior (2003), ao realizarem um levantamento bibliográfico das produções sobre responsividade materna, concluíram seu trabalho afirmando que apesar de a maioria dos trabalhos estarem fundamentados na Teoria do Apego, de Bowlby, o restante da produção apresenta enfoques diferenciados e desarticulados de qualquer referencial teórico.

Ainda no que concerne às limitações de estudo da responsividade materna, Bornstein e LeMonda (2008) também afirmam que algumas características fundamentais desse fenômeno permanecem mal compreendidas. Os autores especificam três, que são: estrutura interna (e.g., como os componentes da responsividade se relacionam entre si), variação individual (e.g., distribuições de diferentes componentes dos respondentes entre mães) e a continuidade (e.g., se o nível médio dos componentes muda ao longo do tempo).

Drake et al. (2007) afirmam que, mesmo após décadas de estudos sobre o tema, há pouca evidência científica disponível que auxilie eficazmente a promoção de responsividade materna, como também poucas intervenções eficazes são conhecidas para a identificação precoce de famílias em risco.

Alvarenga e Picinini (2007), por meio de um levantamento de literatura, analisaram estudos que consideravam, dentre outros, a responsividade como um dos fatores preditores do desenvolvimento, e, por meio desses estudos, identificaram que havia apenas abordagens

metodológicas gerais de avaliação sobre a responsividade, sem uma clareza sobre as dimensões específicas do fenômeno. Corroborando esses achados, Lordelo (2002) afirmou que os estudos sobre responsividade apresentam indicadores muito variados, dificultando uma definição consensual para o conceito.

Outro estudo que demonstra essas limitações é o de Brady, Steven e Sterling (2009), o qual foi parte de uma pesquisa sobre os efeitos da responsividade materna no desenvolvimento de crianças com Síndrome do X Frágil³. Os autores discutiram alguns componentes da responsividade materna e fizeram uma revisão de literatura sobre intervenções destinadas ao aumento desse fenômeno e conseqüentemente, melhorar o desenvolvimento da criança. Brady et al. (2009) encontraram alguns modelos de classificação e destacaram um, no qual a responsividade é dividida em dois tipos: molar, que se refere ao estilo de interação, e molecular, voltada especificamente à frequência de sua ocorrência. Acerca dos vários estudos de intervenção analisados, os autores identificaram aspectos efetivos da intervenção, como a duração e tempo/momento em que são aplicadas. No entanto, esclarecem que a maioria dessas intervenções é baseada no uso de um currículo que ensina apenas aspectos de responsividade materna que influenciam no desenvolvimento da linguagem.

Portanto, Lordelo (2002), Alvarenga e Picinini (2007), Bornstein e LeMonda (2008) e Drake et al. (2007) corroboram, por meio de estudos apresentados, a importância de investigar a natureza complexa da responsividade como um fenômeno comportamental, considerando seus componentes específicos e objetivando viabilizar o planejamento de intervenções ainda mais efetivas.

³ Deficiência intelectual hereditária. As manifestações comportamentais são variadas, mas as principais incluem: déficit de atenção, hiperatividade/impulsividade, ansiedade, dificuldades nas relações sociais, baixo contato visual e comportamentos repetitivos (Kaufmann, Kidd, Andrews, Budimirovic, Esler, Haas-Givler, et al., 2017).

Nesse sentido, os estudos conceituais têm fundamental importância para subsidiar a compreensão da complexidade dos fenômenos. Para Tourinho (1999), tal relevância se dá pela decorrência da interdependência entre estudos de diferentes tipos que constituem um projeto da Psicologia como ciência do comportamento. Levando em conta a importância dessa investigação, e também o fato de que para estudar o desenvolvimento infantil não é suficiente dizer o porquê o cuidador (ou a criança) faz algo, mas “é necessária também a descrição das circunstâncias em que ela faz este ‘algo’ e do próprio ‘algo’ que faz” (Matos, 1983, p. 12), então, o estudo da responsividade pode requerer as mesmas descrições.

Complementando a ideia de Matos (1983), Bornstein e LeMonda (2008, p. 867) pontuam que:

A capacidade de responder da mãe necessita ser apresentada prontamente ao comportamento da criança para ser efetiva, contudo, a sua descrição pela contiguidade do responder materno não é suficiente para a explicação do fenômeno, pois a prontidão ou contingência sem adequação, não é o tipo de responsividade significativa ao desenvolvimento⁴.

Essa explicação se assemelha à da Análise do Comportamento, à medida que não se contenta com uma visão geral, muitas vezes topográfica e que não discrimina as inter-relações entre os componentes/eventos do fenômeno em questão.

Portanto, entende-se que a Análise do Comportamento pode contribuir muito para a compreensão da responsividade materna como um fenômeno do desenvolvimento por meio do “diálogo” com outras áreas do conhecimento. Nesse sentido, o objetivo deste trabalho consistiu em identificar e analisar as principais conceituações de responsividade materna apresentadas na literatura e discutí-las nos termos da análise do comportamento. Assim,

⁴ Original: “Responsiveness needs to be prompt to be effective; however, mere contiguity rather than contingency inadequately describes psychologically consequential responsiveness for the child, just as promptness or contingency without appropriateness is not the kind of responsiveness that is development meaningful”.

descrever o fenômeno com base nos pressupostos teóricos analítico-comportamentais justifica o presente trabalho por fornecer subsídio para futuras pesquisas que objetivem o desenvolvimento de intervenções e/ou planejamento de condições de ensino mais efetivas, que auxiliem cuidadores a se comportar de maneira a obter consequências reforçadoras em interação com sua criança, o que contribuirá para o desenvolvimento socioemocional da mesma.

Além do argumento de que a integração entre os estudos que envolvem a relação do comportamento dos pais com o comportamento dos filhos pode indicar estratégias e intervenções mais eficazes para os processos de desenvolvimento infantil, outra importante contribuição que se entende advir de uma interpretação analítico-comportamental da responsividade é o fato de possibilitar à Análise do Comportamento seu reconhecimento na área do desenvolvimento humano, que, como visto, ainda não ocorre dada à baixa publicação de estudos nessa área com esses termos específicos (Alvarenga et al., 2016).

Por fim, cabe destacar, conforme aponta Tourinho (1999, p.213) que por ser uma pesquisa de caráter conceitual, sua relevância se estende devido à ênfase no questionamento produtivo do “conjunto de proposições que fundamenta (ou deve fundamentar) a investigação (básica ou aplicada) que define o campo de uma ciência”.

2. Método

Este trabalho trata-se de uma pesquisa que tem como método a revisão narrativa. Segundo Elias et al. (2012) esse tipo de pesquisa permite estabelecer relações com produções já realizadas acerca de um determinado tema, por meio da identificação de temáticas recorrentes e apontamento de perspectivas diferentes para estudo da temática em questão. Assim, nesse modelo de estudo, são analisadas as produções bibliográficas em “determinada

área [...] fornecendo o estado da arte sobre um tópico específico, evidenciando novas ideias, métodos, subtemas que têm recebido maior ou menor ênfase na literatura selecionada” (Noronha & Ferreira, 2000, p. 191) e a partir disso, tecem-se novas perspectivas de estudo do fenômeno.

Considerando o modelo de pesquisa proposto, o presente trabalho se construiu por meio das seguintes etapas:

Etapa 1 - Levantamento, seleção e leitura de resumos

Por meio do Portal da CAPES, disponível em <http://periodicos.capes.gov.br>, realizou-se uma busca *online* nas bases de dados *Web of Science*, *PsycInfo (APA)*, *Pubmed*, *LILACS* e nos periódicos *Journal of the Experimental Analysis of Behavior (JEAB)* e *Journal of Applied Behavior Analysis (JABA)*, por serem periódicos tradicionais e conceituados na área da Análise do Comportamento. As palavras-chaves e suas combinações foram: responsividade materna, interação mãe-criança e suas correspondentes em inglês, que são: *maternal responsiveness* e *mother-child interaction*. Os critérios de inclusão e seleção das fontes a serem utilizadas no estudo foram: a) incidência do termo responsividade no título ou no resumo; b) apresentar componentes do comportamento responsivo da mãe e da criança; c) abordar a responsividade como fenômeno característico do desenvolvimento infantil c) não apresentar um enfoque unicamente biológico do fenômeno; d) estar publicado em idioma português ou inglês; f) estar publicado nos últimos 15 anos. Foram excluídos artigos repetidos ou incompletos (que não estavam disponíveis na íntegra).

Etapa 2 - Organização e análise dos dados obtidos

Essa etapa foi dividida em sub-etapas:

- Sub-etapa 1: Elaboração de um protocolo para agrupar os artigos selecionados. Neste, foram destacados o título do periódico, título do artigo, autores, ano de publicação e tipo de estudo (e.g. teórico ou empírico).

- Sub-etapa 2: Leitura dos artigos selecionados com o objetivo de identificar a definição de responsividade utilizada pelos autores. Essa etapa ocorreu simultaneamente com a etapa 3, sendo que, ao passo em que as definições utilizadas pelos autores eram identificadas, as mesmas eram registradas no protocolo.

- Sub-etapa 3: Organização das definições encontradas em um protocolo, no qual destacou-se: os autores e o ano de publicação do artigo, quais referências utilizaram na definição do conceito responsividade e, como definem/compreendem tal conceito.

Etapa 3 – Seleção e leitura de livros e artigos de Análise do Comportamento

Foram selecionados materiais que pudessem contribuir para a compreensão e embasar a discussão da responsividade materna em termos analítico-comportamentais. O critério de seleção desses materiais foi estar relacionado à temática do Desenvolvimento. Além disso, foram utilizados materiais clássicos da Análise do Comportamento para fundamentar os conceitos específicos.

Etapa 4 - Discussão dos resultados obtidos

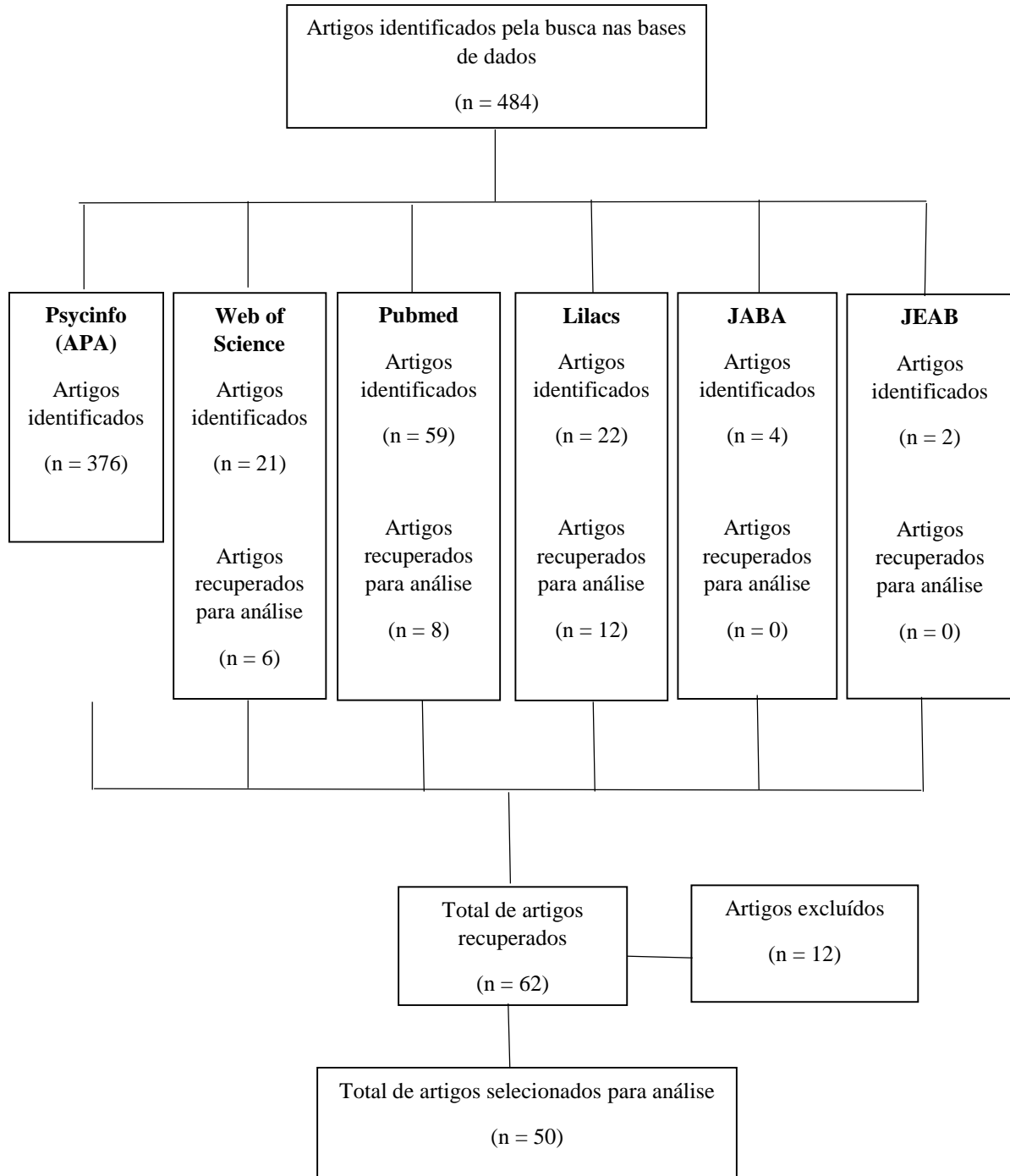
Com base nos dados organizados nos protocolos de registro, realizou-se uma discussão, identificando as principais conceituações de responsividade encontradas na literatura. Posteriormente, buscou-se discutir tais conceituações em termos da Análise do Comportamento, fundamentando-se nos pontos de convergência e divergência dessa perspectiva teórica em relação às demais formas de interpretação do fenômeno que foram encontradas na literatura. Para evidenciar tais pontos, alguns conceitos/princípios básicos da

Análise do Comportamento foram considerados (e.g., comportamento, ambiente, contingência, história comportamental).

3. Resultados e Discussão

A partir da pesquisa realizada no Portal da Capes, 50 artigos foram selecionados a partir da leitura de seus resumos, conforme apresentado no fluxograma 1. Tais artigos foram publicados em periódicos de áreas da saúde (Nutrição, Pediatria, Psiquiatria, Neurociência), da Educação Especial e da Psicologia, principalmente nas áreas de Psicologia do Desenvolvimento infantil e do adolescente (típico e atípico), Psicologia Familiar e Psicopatologia.

Fluxograma 1.

Seleção de artigos para análise

Nos próximos tópicos apresentar-se-ão resultados obtidos a partir do levantamento bibliográfico advindas da literatura expressa nos artigos recuperados. Tais reflexões estão organizadas em três categorias de análise, que são: 1) Referências bibliográficas identificadas na literatura sobre a definição do conceito de responsividade materna; 2) Responsividade como sinônimo de sensibilidade; e 3) Responsividade e Análise do Comportamento.

3.1 Referências Bibliográficas identificadas na Literatura sobre a definição do conceito de Responsividade Materna

Neste tópico são apresentadas quais as referências bibliográficas que os autores dos artigos selecionados utilizaram ao se referirem à responsividade materna.

A partir da análise dos artigos, evidenciou-se que há um predomínio de alguns referenciais teóricos. Na Tabela 1 é apresentada a relação das referências citadas para a definição da responsividade materna nos artigos selecionados bem como o número de artigos em que a referência foi citada com essa finalidade.

Tabela 1.

Referências bibliográficas citadas para definição da responsividade materna

Referências citadas para definição da responsividade materna nos artigos selecionados	Número de artigos nos quais a referência foi citada na definição do termo responsividade
Bornstein e LeMonda (1989)	6
Bornstein, LeMonda, Hahn e Haynes (2008)	5
Ainsworth, Blehar, Watters e Wall (1978)	5
Van den Boom (1994)	4
Isabella, Belsky, Von Eye e cols (1989)	3
DeWolff e van Ijzendoorn (1997)	3
Landry, Smith, Swank, Assel e Vellet (2001)	3
LeMonda, Bornstein e Baumwell (2001)	3
Maccoby e Martin (1983)	2
Bornstein e LeMonda (1997)	2
Bornstein, LeMonda, Tal, et al. (1992)	2
Damast, LeMonda e Bornstein (1996)	1
Ainsworth, Bell e Stayton (1974)	1
Bornstein e Lamb (1992)	1
Mahoney e Perales (2005)	1
Mahoney (1988)	1
Mahoney e Perales (1998) ⁵	1
Maccoby (1983)	1
Kochanska Forman, Aksan, e Dunbar (2005)	1
Kochanska, Forman e Coy (1999)	1
Kochanska (2002)	1
Wakschlag e Hans (1999)	1

Conforme demonstradas na Tabela 1, as definições de Bornstein e LeMonda (1989) e Bornstein, LeMonda, Hahn e Hayes (2008) foram as mais citadas.

⁵ Apud Patterson et al. (2014).

Na definição de Bornstein e LeMonda (1989), a responsividade é considerada um componente da interação mãe-criança e consiste em uma cadeia de eventos de três termos, envolvendo a ação da criança, uma reação dos pais e a influência dessa última sobre a criança. Os autores concentram-se em duas formas de responsividade materna: uma que se manifesta sob condições em que a criança apresenta estresse e outra na qual a criança não apresenta estresse.

Definimos responsividade como comportamentos imediatos, contingentes e apropriados (e não simplesmente contíguos) das mães, e nos concentramos principalmente em duas formas de responsividade materna - em relação às atividades sem estresse em bebês e em relação ao sofrimento das crianças. A responsividade materna aos infantes sem estresse reúne três critérios: (1) a criança deve exibir uma vocalização ou ação sem estresse, (2) a mãe deve mostrar uma mudança em sua atividade subsequente ao comportamento do bebê e (3) a ação da mãe deve se relacionar conceitualmente e temporalmente com a ação prévia do bebê.⁶ (Bornstein & LeMonda, 1989, p. 50).

A definição que caracteriza a responsividade por meio de comportamentos imediatos, contingentes e apropriados da mãe em relação aos sinais do infante é convergente para a maioria dos autores citados nas definições dos artigos selecionados (e.g. Ainsworth et al., 1978; Isabella et al., 1989; Van den Boom, 1994; DeWolff e Ijzendoorn, 1997; Ainsworth, Bell, & Stayton, 1974; Bornstein et al., 2008; Bornstein et al., 1992; De Wolff & van Ijzendoorn, 1997; Landry, Smith, Swank, Assel, & Vellet, 2001; Ainsworth et al., 1978; Bornstein & LeMonda, 1997; LeMonda, Bornstein & Baumwell, 2001). Acerca do responder

⁶ Original: "We defined responsiveness as mothers' prompt, contingent, and appropriate (not simply contiguous) behaviors, and we concentrated principally on two forms of maternal responsiveness-toward nondistress activities in infants, and toward infants' distress. Maternal responsiveness to infant nondistress met three criteria: (1) The infant had to exhibit a nondistress vocalization or action, (2) the mother had to display a change in her own activity subsequent to the infant's behavior, and (3) the mother's action had to relate conceptually and temporally to the infant's prior action" (Bornstein e LeMonda, 1989, p. 50).

materno, Ainsworth et al. (1978) reiteram que “o mais importante aspecto do comportamento materno comumente associado com a dimensão segurança-angústia do apego infantil, manifesta-se de diferentes formas específicas em diferentes situações, mas em cada uma delas surge como responsividade sensível aos sinais infantis e às comunicações”⁷ (p. 152).

Bornstein e LeMonda (1989) descrevem alguns modos predominantes que incluem as respostas maternas consideradas responsivas. Essas respostas sempre são compreendidas relacionadas ao comportamento emitido pela criança. Nas palavras dos autores, uma mãe pode:

- (1) orientar fisicamente ou verbalmente seu bebê em direção a uma propriedade, objeto ou evento no ambiente, (2) orientar física ou verbalmente seu bebê para si mesma, (3) imitar verbalmente seu bebê, (4) vocalizar (não sobre objetos ou em imitação), (5) usar excitação tátil ou cinestésica, (6) mostrar afeto positivo, ou (7) pegar, acariciar ou alimentar seu bebê.⁸ (Bornstein & LeMonda, 1989, p. 53).

Nesse sentido, Bornstein et al. (2008), ao afirmarem que a responsividade é um componente básico da cadeia de três termos presente nas trocas diárias que envolvem a criança e os pais, acrescentam que a mesma tem impacto significativo em relação à competência simbólica, habilidade verbal, realização intelectual, facilidade social e segurança emocional. Os autores destacam também a importância da contingência para a efetividade do responder materno, afirmando que “a mera contiguidade descreve inadequadamente as consequências psicológicas da responsividade para a criança, assim como rapidez ou

⁷ Original: the most importante aspect of maternal behavior commonly associated with the security-anxiety dimension of infant attachment is manifested in different specific ways in diferente situations, but in each it emerges as sensitive responsiveness to infant Signals and communications" (Ainsworth et al, 1978, p. 152).

⁸ Original: Further, mothers' predominant modes of response were closely tied to their infants' provoking behaviors. By way of responding, a mother can (1) physically or verbally orient her infant toward a property, object, or event in the environment, (2) physically or verbally orient her infant toward herself, (3) verbally imitate her infant, (4) vocalize (not about objects or in imitation), (5) use tactile or kinesthetic arousal, (6) show positive affect, or (7) pick up, pat, or feed her infant. (Bornstein e LeMonda, 1989, p. 53)

contingência sem adequação não é o tipo de responsividade que é significativa para o desenvolvimento” (p. 867).⁹

Mediante um estudo de perspectiva longitudinal, Bornstein et al. (2008) investigaram e trataram da natureza dinâmica da responsividade materna, enaltecendo o papel ativo da criança ao estimular os comportamentos maternos. Os autores afirmaram que, embora houvesse uma centralidade consensual e validade preditiva, algumas características do fenômeno ainda precisavam ser compreendidas. Tais características são denominadas por eles como estrutura interna, variação individual e continuidade ao longo do tempo. Nas palavras dos autores:

Estrutura interna refere-se a como os componentes da responsividade relacionam-se uns com os outros. Variação individual refere-se a distribuições de diferentes componentes de responder entre as mães. Continuidade refere-se a se os componentes da responsividade permanecem os mesmos ou mudam em seu nível médio ao longo do tempo (Bornstein et al., 2008, p. 867).¹⁰

Nessa linha, os resultados do estudo de Bornstein et al. (2008) mostraram que a responsividade é multidimensional, modular e específica em estrutura e variante entre as mães. Em relação a este aspecto, os autores fazem uma crítica a teóricos como por exemplo Ainsworth, Bell e Stayton (1971 apud Bornstein et al., 2008), Ainsworth et al. (1974), Landry et al. (2001) por acreditarem que os mesmos apresentam o fenômeno como sendo homogêneo e utilizando uma descrição global dos comportamentos responsivos. Assim, assumem a defesa de uma visão da responsividade como uma “constelação agregada”¹¹, explicando que:

⁹ Original: “mere contiguity rather than contingency inadequately describes psychologically consequential responsiveness for the child, just as promptness or contingency without appropriateness is not the kind of responsiveness that is developmentally meaningful” (Bornstein et al., 2008, p. 867).

¹⁰ Original: “Internal structure refers to how components of responsiveness relate to one another. Individual variation refers to the distributions of different components of responding among mothers. Continuity refers to whether components of responsiveness remain the same or change in their mean levels over time” (Bornstein et al., 2008, p. 867)

¹¹ Termo utilizado pelos próprios autores.

Parentalidade é multidimensional no sentido de que pais pensam sobre parentalidade e engajam as crianças em diferentes maneiras para diferentes propósitos. Parentalidade é modular no sentido de que domínios diferentes de parentesco não são necessariamente associados, eles servem diferentes funções e seguem diferentes trajetórias de desenvolvimento. Finalmente, a parentalidade é específica no sentido de que características da parentalidade exercem efeitos particulares sobre o desenvolvimento das crianças (Bornstein et al., 2008, p. 868).¹²

Assim, na visão dos autores, os pais podem responder de forma semelhante em relação à frequência, mas diferir em relação a qual comportamento da criança produz o seu responder, por exemplo uma vocalização ou um comportamento de exploração do ambiente. Essa visão multidimensional da responsividade também é defendida por LeMonda, Bornstein e Baumwell (2001) e Bornstein e LeMonda (1997), ao afirmarem que cada dimensão da responsividade (e.g. responder à brincadeira *versus* responder à vocalização) é responsável por influenciar habilidades diferentes da criança a depender do período específico de desenvolvimento.

No que concerne à definição utilizada para codificar os comportamentos responsivos durante observação em contexto de brincadeira livre na casa das crianças, os tipos de responsividade investigados no estudo de Bornstein et al. (2008) foram: afirmações, imitações, descrições, questionamentos, brincar, e incentivar a exploração. Os comportamentos do infante observados foram divididos em quatro categorias: a) exploração, que consistia em olhar ou manipular um objeto, b) brincar com um objeto, c) pedir para a mãe olhar, ou d) vocalizar (Bornstein et al., 2008).

¹² Original: “Parenting is multidimensional in the sense that parents think about parenting and engage children in different ways for different purposes. Parenting is modular in the sense that different domains of parenting are not necessarily associated; they serve different functions and follow different developmental trajectories. Finally, parenting is specific in the sense that particular features of parenting exert particular effects on children’s development” (Bornstein et al., 2008, p. 868).

Em relação à influência da responsividade materna no desenvolvimento da linguagem, LeMonda, Bornstein e Baumwell (2001) enaltecem que quando, na interação, a mãe aproxima seu discurso semanticamente do discurso da criança, quando a mesma reage de forma sensível aos sinais emitidos pela criança quanto às suas “escolhas de comunicação”¹³, ocorre um processo de aprendizagem que se consolida por meio do sentido/interpretação possibilitada à criança, o que tem como consequência uma função comunicativa entre adulto e criança. Nas palavras dos autores:

O estudo da responsividade materna incide diretamente sobre o papel da atenção concentrada na aquisição precoce da linguagem, pois as mães que respondem às comunicações infantis e lutas exploratórias de sua criança, por definição, inserem-se no mesmo tópico de interesse de seus filhos. Por engajarem-se em modos responsivos de interação, os adultos fornecem às crianças pistas pragmáticas mais claras para a aprendizagem de palavras, permitindo que as crianças negociem mais facilmente as atividades em andamento com adultos (Akhtar, Carpenter, & Tomasello, 1996; Bloom, 1998; Snow, 1989; Zukow, 1991). Portanto, trocas responsivas entre as mães e suas crianças estão enraizadas nas contribuições de ambos, nas quais as crianças, em essência, "sinalizam" suas escolhas de comunicação, e mães reagem a esses sinais em uma maneira sensível (LeMonda et al. 2001, p. 749).¹⁴

Maccoby e Martin (1983 apud Riggs & Landry, et al., 2006) também tratam da responsividade elencando a maneira de responder de forma sensível. Em sua definição, a

¹³ Termo utilizado pelos autores.

¹⁴ Original: The study of maternal responsiveness directly bears on the role of joint attention in early language acquisition, because mothers who respond to their children's communications and exploratory bouts are, by definition, keying into the same topic of interest as their children. By engaging in responsive modes of interaction, adults provide children with clearer pragmatic cues to word learning, thereby enabling children to more easily negotiate ongoing activities with adults (Akhtar, Carpenter, & Tomasello, 1996; Bloom, 1998; Snow, 1989; Zukow, 1991). Thus, responsive exchanges between mothers and their children are rooted in the contributions of both, in that children in essence “signal” their choices of communication, and mothers react to those signals in a sensitive manner (LeMonda et al. 2001, p. 749).

responsividade implica em sensibilidade e adaptação às necessidades da criança, podendo ser pensada por meio de reforço contingente, no sentido de responder ao comportamento do infante de maneira diferencial. Os autores enaltecem que o fato de a responsividade contingente ser tão importante para o desenvolvimento afetivo da criança se dá pela função que ela desempenha em proporcionar a entrada da criança no processo de socialização com os pais, facilitando sua capacidade da criança em fazer escolhas adequadas. Nessa linha, DeWolf e Ijzendoorn (1997) explicam que “quando a criança experencia que suas iniciativas sociais são bem sucedidas em estabelecer uma interação recíproca com a mãe, é provável que uma interação ativa e feliz entre o casal vai seguir e que um relacionamento de apego seguro desenvolva” (p. 571)¹⁵.

Percebe-se que as definições para o conceito de responsividade materna encontradas nos artigos selecionados não são consensuais nem definitivas. Esse resultado corrobora com os dados de Ribas, Moura e Junior (2003), que também afirmam que apesar da não consensualidade, existem alguns aspectos que têm se destacado nas definições (e. g. responsividade como um comportamento apropriado e contingente ao comportamento infantil; tipo de comportamento da criança ao qual a mãe responde). Os autores salientam que as definições envolvem, de modo geral, uma dimensão qualitativa, que inclui por exemplo características como proximidade e intimidade, e uma dimensão temporal, que considera a contingência da resposta

3.2 Responsividade como sinônimo de Sensibilidade e/ou Sensitividade

Uma característica interessante que a literatura apresentou é a de tratar o fenômeno responsividade como semelhante à sensibilidade e/ou sensitividade. Dos 50 artigos selecionados para análise, 15 apresentaram essa característica (Ribas & Moura, 2006; Smith

¹⁵ Original: “When infants experience that their social initiatives are successful in establishing a reciprocal interchange with the mother, it is likely that an active and happy interaction between the couple will ensue and that a secure attachment relationship will develop” (DeWolf & Ijzendoorn, 1997, p. 571).

et al., 2006; Suor et al., 2017; Alvarenga et al., 2013; Alvarenga et al. 2014; Ventura, 2017; Tombeau Cost et al., 2017; Alvarenga et al., 2013; Watson et al., 2017; O’neal et al., 2017; Weijer-Bergsman et al., 2016; Riggs et al, 2004; Ribas & Moura, 2004; Alvarenga & Picinini, 2007; Picinini et al., 2007; Kim & Kochanska, 2015) .

Acerca dessa maneira de compreender ou definir o conceito, Alvarenga et al. (2013) afirmam que os termos responsividade ou sensibilidade vêm sendo utilizados como características parentais importantes para “estabelecer um padrão de apego seguro entre infantes e seus cuidadores, conseqüentemente favorecer a exploração do ambiente, união afetiva e relações interpessoais em geral”¹⁶ (p. 311). Tais autores, em consonância com Alvarenga et al. (2014), Picinini et al. (2007) e Alvarenga e Picinini (2007), se fundamentam na definição de Isabella, Belsky, von Eye e cols. (1989) para o termo sensibilidade/responsividade, entendendo-o como “atenção e percepção consistentes, interpretação acurada e resposta contingente e apropriada da mãe aos sinais da criança” (Alvarenga et al., 2013, p. 312).

Corroborando essa perspectiva, Watson et al. (2017) reiteram que mesmo considerando as diferenças na definição do termo responsividade, a sensibilidade é um dos temas que aparece recorrentemente associado, juntamente com “contingência, apoio, correspondência dos interesses e ritmo da criança, afeição física, qualidade do investimento da linguagem, reciprocidade, e controle compartilhado” ¹⁷(p. 3521). Riggs et al. (2004, p. 204), amparando-se na definição de Maccoby e Martin (1983), também demonstram essa

¹⁶ Original: “...establish a safe attachment pattern between infants and their caregivers, consequently favoring the exploration of the environment, affective bonding and interpersonal relationships in general” (p. 311).

¹⁷ Original: “Although definitions of responsiveness vary, recurring themes include sensitivity, contingency, support, matching the child’s interests and pace, physical affection, language input quality, reciprocity, and shared control” (Watson et al., 2017, p. 3521).

perspectiva, afirmando que a “responsividade implica sensibilidade e adaptação às necessidades da criança”¹⁸.

Em consonância com tal forma de compreender o conceito, Kim e Kochanska (2015) também apresentam uma interpretação de responsividade como sinônimo de sensibilidade. Definem os comportamentos maternos responsivos a partir de um código:

Os codificadores classificaram a responsividade materna de 1 (altamente não responsiva) a 7 (altamente responsiva) para cada um dos sete contextos. O código integrava as dimensões clássicas (Ainsworth, Bell, & Stayton, 1971): sensibilidade-insensibilidade às sugestões e sinais da criança, interferência cooperativa ou suporte à autonomia da criança e aceitação-rejeição, ou afeto e prazer da interação” (Kim & Kochanska, 2015, p. 6)¹⁹.

De maneira similar, Ribas e Moura (2006), embora avaliem que a responsividade apresente várias possibilidades de definição, apresentam uma alternativa que poderia ser considerada geral. Segundo as autoras, a responsividade envolve comportamentos contingentes da mãe, de forma apropriada e imediata em relação aos sinais emitidos pela criança ou ainda “como a resposta apropriada, sensível e pronta da mãe aos comportamentos da criança” (p. 1). Nessa linha, Ribas e Moura (2004) esclarecem que a responsividade, ao ser estudada de forma mais comum com o referencial teórico do Apego, aproxima-se muito da definição de sensibilidade. Nas palavras das autoras:

a concepção de sensibilidade mostra-se muito próxima da definição geral de responsividade. Uma análise das definições de responsividade ou sensibilidade dentro deste referencial mostra que tanto aparecem as qualificações do tipo calor,

¹⁸ Original: “responsiveness implies sensitivity and adaptation to the child’s needs” (Riggs et al., 2004, p. 204).

¹⁹ Original: coders rated the mother’s responsiveness from 1 (highly unresponsive) to 7 (highly responsive) for each of the seven contexts. The code integrated the classic dimensions (Ainsworth, Bell, & Stayton, 1971): sensitivity-insensitivity to the child’s cues and signals, cooperation-interference, or support for the child’s autonomy, and acceptance-rejection, or affection and enjoyment of the interaction.” (Kim & Kochanska, 2015, p. 6)

proximidade, intimidade, que seriam dimensões avaliativas mais qualitativas e afetivas, quanto a dimensão temporal da contingência da resposta” (p. 316).

Nessa linha, Ribas, Moura e Junior (2003), ao afirmarem que o estudo da responsividade tem sido marcado predominantemente pelo referencial da teoria do apego, esclarecem que as pesquisas relacionando a interação mãe-criança e o apego tratam do conceito de sensitividade no que diz respeito aos comportamentos maternos. Nas palavras desses autores: “a importância do conceito de responsividade ou sensitividade aparece na teoria do apego justamente no ponto em que se questiona qual a base para a formação do apego (cujo aspecto central é o estabelecimento do senso de segurança)” (p. 139).

Bornstein, LeMonda, Hahn e Hayes (2008) confirmando a importância da teoria do apego, afirmam que os estudos sobre responsividade aplicados a contextos de separação da criança e angústia focam na “sensibilidade parental à angústia emocional da criança” (p. 871), ainda que os autores assumam a importância de observar também a responsividade em contextos neutros e positivos.

Considerando o que foi expresso na literatura a respeito do conceito de responsividade materna, no tópico abaixo serão apresentadas reflexões acerca de uma possível interpretação desse conceito numa perspectiva teórica analítico-comportamental.

3.3 Responsividade e Análise do Comportamento.

A ciência é muito mais do que a descrição de fenômenos empíricos. Ela estabelece relações entre eventos, com o objetivo de construir modelos precisos e inteligíveis que ajudem o ser humano a controlar os fenômenos, por meios apropriados (Rudio, 2011).

A preocupação da ciência gira em torno de fenômenos empíricos. Para alguns o termo "fenômeno" indica apenas um sinônimo para "fato". Entretanto, pode-se estabelecer uma distinção, dizendo-se que "fenômeno" é o fato, tal como é percebido

por alguém. Os fatos acontecem na realidade, independentemente de haver ou não quem os conheça. Mas, quando existe um observador, a percepção que este tem do fato é que se chama fenômeno. Pessoas diversas podem observar, no mesmo fato, fenômenos diferentes (Rudio, 2011, p. 10).

Teles (1984) afirma que o conceito de ciência está atrelado à pesquisa e aos seus resultados, ou seja, às teorias e leis científicas. De tal forma, há uma íntima relação entre a realidade científica e o método científico. “Por ciência entende-se a atividade metódica que visa à criação de uma boa teoria. Essa atitude metódica consiste, sobretudo, na busca da causa e de seu efeito” (Teles, 1984, p. 18). O autor enaltece que uma “boa teoria” a respeito de um determinado fenômeno seria o resultado dessa atividade, e que ela é entendida como “rigorosa, comprovada, experimental ou dedutivamente” (p. 19).

Na Análise do Comportamento, os conceitos de teoria e desenvolvimento são controversos. Mesmo que de forma incondizente com o escrito em seus textos, Skinner já foi interpretado como um atóxico (Bettio & Laurenti, 2015). Em 1969, o próprio autor argumenta em favor de seu posicionamento no artigo que foi publicado em 1950 - *“Teorias de aprendizagem são necessárias?”*²⁰, o qual lhe rendeu tal crítica. Skinner (1969) enaltece que não defende a eliminação de teorias, até porque, para ele, sem elas a pesquisa seria desorganizada e sem um propósito. Entretanto, apresenta uma possibilidade alternativa destas.

Um dos principais modelos de teoria que Skinner critica pode ser identificado no seguinte trecho: “qualquer explicação de um fato observado que apela a eventos que ocorrem em algum outro lugar, em algum outro nível de observação, descrito em termos diferentes, e medidos, se for o caso, em diferentes dimensões” (Skinner, 1950, p. 193)²¹. O autor afirma

²⁰ Original: “Are theory of learning necessary?” (Skinner, 1950).

²¹ Original: any explanation of an observed fact which appeals to event taking place somewhere else, at someother level of observation, described in different terms, and measured, if at all, in different dimensions (Skinner, 1950, p. 193).

que esse tipo de teoria deveria ser abandonado, entendendo que esse método traz consigo falsas certezas sobre o estado do conhecimento.

Assim sendo, em contraposição ao que lhe é atribuído - como um ateórico - Skinner (1950) propõe uma alternativa de teoria. Tal proposta está primordialmente relacionada com a defesa de uma ciência que se volte para dados observáveis, ou seja, o fenômeno analisado deve se apresentar como se supõe nas condições em que o estudamos. No caso de fenômenos comportamentais, o autor frisa que é possível estudá-los experimentalmente, com medidas que tenham propriedades relevantes e comparáveis. Nesse sentido, o autor destaca a importância de algumas variáveis, como a magnitude da resposta, latência, mudanças nas situações, por exemplo. Reiterando seu posicionamento sobre a noção de teoria, Skinner (1950, p. 193) afirma:

Algumas suposições básicas, essenciais a qualquer atividade científica, às vezes são chamadas de teorias. A de que a natureza é ordenada, mais do que caprichosa, é um exemplo. Determinadas afirmações também são teorias simplesmente, até o ponto em que ainda não são fatos. Um cientista pode supor o resultado de um experimento antes que ele seja realizado. A predição e a posterior demonstração do resultado podem ser compostas dos mesmos termos, no mesmo arranjo sintático, estando a diferença no grau de confiança. Nenhuma afirmação empírica é completamente não-teórica neste sentido, porque a evidência nunca é completa e, provavelmente, nenhuma predição é feita completamente sem evidência.²²

Explanando sobre os modelos de teoria de aprendizagem utilizados no campo da Psicologia, Skinner (1950) apresenta uma outra crítica, esta fundamental no que diz respeito à

²² Original: Certain basic assumptions, essential to any scientific activity, are sometimes called theories. That nature is orderly rather than capricious is an example. Certain statements are also theories simply to the extent that they are not yet facts. A scientist may guess at the result of an experiment before the experiment is carried out. The prediction and the later statement of result may be composed of the same terms in the same syntactic arrangement, the difference being in the degree of confidence. No empirical statement is wholly non-theoretical in this sense, because evidence is never complete, nor is any prediction probably ever made wholly without evidence" (Skinner, 1950, p. 193).

uma ciência do comportamento, que é sobre as teorias mentalistas/internalistas. Nas palavras do autor:

Elas consistem de referências a eventos “mentais”, como dizer que um organismo aprende a se comportar de uma determinada maneira porque “acha algo agradável” ou porque “espera que algo aconteça”. Para o psicólogo mentalista, estes eventos explicativos não são mais teóricos do que conexões sinápticas são para o neurofisiologista, mas em uma ciência do comportamento eles são teorias porque os métodos e os termos apropriados para os eventos a serem explicados diferem dos métodos e termos apropriados para os eventos explicativos (Skinner, 1950, p. 193-194).²³

Essa mesma crítica também aparece em *“Por que eu não sou um psicólogo cognitivista?”*²⁴, texto de Skinner publicado em 1977. Neste artigo, Skinner critica o uso de entidades internas como objeto de estudo científico, como fazem os psicólogos cognitivistas²⁵, segundo ele. Referindo-se ao clássico experimento de Pavlov, por exemplo, o autor afirma que “o padrão de explicação mentalista é de que o cão ‘associa’ a campainha com a comida” (p. 1), acrescentando que quem ‘associa’ não é o cão, é o próprio Pavlov, o próprio experimentador. Para Skinner, explicações como essa associação de processos cognitivos comparáveis são invenções e, o principal: elas minimizam as contribuições do ambiente. Como alternativa a esse modelo de explicação, Skinner (1977) defende que a explicação do comportamento deve focar-se nas contingências de reforçamento, que são possíveis de mensuração empírica.

²³ Original: “They consist of references to "mental" events, as in saying that an organism, learns to behave in a certain way because it "finds something pleasant" or because it "expects something to happen." To the mentalistic psychologist these explanatory events are no more theoretical than synaptic connections to the neurophysiologist, but in a science of behavior they are theories because the methods and terms appropriate to the events to be explained differ from the methods and terms appropriate to the explaining events” (Skinner, 1950, p. 193-194).

²⁴ Original: “Why I am a not a cognitive psychologist” (1977).

²⁵ Para uma breve comparação entre a abordagem analítico-comportamental e cognitiva, ver capítulo 3 de Schlinger (1995).

Schlinger (1995) reitera a postura de Skinner, acrescentando que a maioria das teorias nos livros e textos da Psicologia do Desenvolvimento são semelhantes à seguinte definição: “teorias são crenças gerais que nos ajudam a explicar os dados ou fatos que observamos e a fazer previsões” (Santrock, 1988, p. 20 apud Schlinger, 1995, p. 1)²⁶. Embora concorde que as teorias permitem predição, o autor afirma que esse modelo não é preciso e dá margem a má interpretação, inclusive por não indicar de onde vêm as ‘crenças gerais’, de onde surgem as predições. Schlinger (1995) enfatiza ainda que a teoria científica e fato científico não ocorrem separadamente. Os fatos científicos se acumulam, são ordenados e agrupados, podendo tornar-se uma teoria por meio de certas generalizações que emergem. Assim:

Quer procurando descrever o fenômeno ou, então, tentando explicar a relação que existe entre eles, a ciência não está preocupada com casos individuais, mas sim com generalizações. Dedicar-se aos casos particulares, no intuito de compreender o conjunto de indivíduos que participam da peculiaridade do caso estudado (Rudio, 2011, p. 12).

Nesse sentido, para explicar os fenômenos, as teorias científicas são marcadas pelo uso de conceitos. Para Rudio (2011) o conceito é o meio que os indivíduos têm para reconhecer e compreender um determinado fenômeno. Assim, para alguém definir um conceito é preciso que comunique o que sabe sobre aquilo, sendo esse saber construído por meio das experiências. O autor enfatiza que um mesmo conceito pode ser entendido e expresso de formas diferentes. “Os elementos que alguém distingue num conceito e utiliza para explicá-lo denominam-se “notas” ou “características” do conceito” (p. 24). Nesse sentido, “é pela apresentação de suas características que chegamos a compreender um conceito. Desta forma, quanto mais características forem apresentadas, melhor será a compreensão que se terá do conceito” (p. 25).

²⁶ Original: “theories are general beliefs that helps us to explain the data or facts we have observed and to make predictions” (Santrock, 1988, p. 20 apud Schlinger, 1995, p. 1).

Acerca dessa temática, Skinner, em “*A Análise operacional dos termos psicológicos*”²⁷ (1945) posiciona-se, embora com críticas, em favor de um modelo operacionista para a Psicologia. O autor afirma que:

o operacionismo pode ser definido como a prática de falar sobre: 1) as observações de alguém; 2) os procedimentos de manipulação e de cálculo envolvidos em fazê-las; 3) os passos lógicos e matemáticos que se interpõem entre a primeira afirmação e a última; e 4) nada mais (Skinner, 1945, p. 270)²⁸.

Refletindo sobre o conceito de comportamento na Psicologia do Desenvolvimento, Schlinger (1995) ao citar Horowitz, afirma que esse campo tem consistido de uma série de “mini-teorias”²⁹, que se responsabilizam em estudar domínios específicos do desenvolvimento humano (e.g. desenvolvimento social-emocional; desenvolvimento da linguagem; desenvolvimento perceptual), quando, para ele, seria possível construir uma teoria unificada que pode dar conta das influências ambientais nas mudanças comportamentais.

Ainda no que concerne à diversidade teórica no campo da Psicologia do Desenvolvimento, Schlinger (1995) entende que ela permanece tendo em vista a concepção de comportamento que a maioria dos psicólogos do desenvolvimento utiliza. Segundo o autor, uma das práticas mais comuns nesse campo tem sido a de classificar o comportamento por meio de sua forma ou estrutura. Em contrapartida, a Análise do Comportamento como uma abordagem relacional, fundamenta suas explicações sobre o comportamento nas propriedades funcionais que são identificadas via história do indivíduo com seu meio, ou dito de outra forma, via regularidades encontradas entre dois (ou mais) eventos (Skinner, 1953/1967).

Considerando os argumentos de Rudio (2011) a respeito de conceitos, no sentido de que ele é variável, a depender dos modelos teóricos utilizados para explicá-lo, e também

²⁷ Original: “The operational analysis of psychological terms” (Skinner, 1945).

²⁸ Original: “Operationism may be defined as the practice of talking about (1) one's observations, (2) the manipulative and calculational procedures involved in making them, (3) the logical and mathematical steps which intervene between earlier and later statements, and (4) nothing else” (Skinner, 1945, p. 547).

²⁹ Termo utilizado por Schlinger (1995).

considerando o posicionamento de Skinner em relação ao uso de teorias para explicação de fenômenos comportamentais, é possível discutir-se, a partir do que se encontrou na literatura a respeito do conceito de responsividade, quais características ou princípios da Análise do Comportamento podem ser empregados para compreender ou explicar esse conceito.

Nos artigos selecionados para análise, verificou-se que a Teoria do Apego é predominantemente citada no que diz respeito às definições do conceito de responsividade materna. Desta forma, um primeiro ponto interessante de discussão é representado pela divergência na forma de interpretação do fenômeno, visto que, para Schlinger (1995), a Teoria do Apego é um exemplo de abordagem estrutural, ao passo que olha especialmente para a forma do comportamento, ou seja, sua topografia. Dentro dessa perspectiva, os comportamentos do infante são classificados a depender da apresentação do apego seguro ou inseguro (Ainsworth et al., 1978) e tais classificações são determinadas pelas respostas do infante em uma situação com um adulto não familiar, denominada “situação estranha”. Assim, “se a criança se distanciar do pai e explorar o ambiente desconhecido, ela tem apego seguro. Se ela se agarra e mostra sinais de angústia quando os pais saem, diz-se que ela tem apego inseguro” (Schlinger, 1995, p. 16)³⁰.

O principal ponto de divergência desse tipo de análise com a perspectiva analítico-comportamental refere-se ao fato de que tais explicações estruturais minimizam ou negligenciam a função do comportamento. Nas palavras de Abib (2001) “o estruturalismo ignora as contingências de reforço positivo e negativo” (p. 111). Assim, embora classificar o comportamento de acordo com a forma possa ajudar na organização e comunicação sobre um determinado fenômeno, pode dificultar uma análise funcional do mesmo. Além disso, para a Análise do Comportamento, comportamentos que diferem em sua forma podem ter a mesma

³⁰ Original: “if the infant leave of the parent and explores the unfamiliar environment, she is securely attachment. if she clings and shows signs of distress when the parents leaves, se is said to be anxiously attached” (Schlinger, 1995, p. 16).

função (Schlinger, 1995). Referindo-se às unidades básicas da análise comportamental descritas por Skinner, Schlinger afirma:

Ele definiu estímulos e respostas (i.e., ambiente e comportamento), não como unidades estruturais independentes, mas como classes funcionais. Assim, estímulos não foram definidos por sua forma ou topografia. Ao invés disso, ambas foram definidas por seus respectivos efeitos uns nos outros” (Schlinger, 1995, p. 34).

Por sua vez, conforme pontua Bijou (1993/1995), uma teoria comportamental de desenvolvimento humano deve ser elaborada analisando: “a) a criança como uma entidade biológica e psicológica, b) o ambiente de desenvolvimento, c) a contínua e recíproca interação entre o comportamento da criança e seu ambiente e d) a divisão desta contínua e recíproca interação em estágios de desenvolvimento controláveis” (p. 29)³¹.

Nesse sentido, conforme explana Schlinger (1995):

“a Análise do Comportamento é limitada a explicar os efeitos do ambiente no comportamento como um resultado de sua interação ... Analistas do comportamento não negam que unidades comportamentais podem ter estrutura. Mas eles afirmam que as unidades devem ser primeiramente definidas funcionalmente” (p. 34-35).

Outro aspecto interessante a ser pontuado refere-se ao fato de que, diferentemente do modelo proposto pela Análise do Comportamento, as definições do conceito de responsividade materna, em sua maioria demonstraram a presença de um caráter mentalista (crítica abordada no início desse tópico). Isso pode ser elucidado em alguns trechos dos artigos selecionados, como: “nos relacionamentos com as crianças, os cuidadores podem expressar diferentes tipos de responsividade e neles os chamados modelos funcionais internos se consolidam” (Ribas & Moura, 2004, p. 316), ou ainda “estrutura interna refere-se a como

³¹ Original: “a) the child as a biological and psychological entity, b) the environment of development, c) the continuous and reciprocal interaction between the behavior of a child and the environment e d) the division of this continuous and reciprocal interaction into manageable developmental stages (Bijou, 1995, p. 29).

os componentes da responsividade relacionam-se uns com os outros” (Bornstein et al., 2008, p. 867).

Nessa linha, na Teoria do Apego, utiliza-se, dentre outros, o termo sentimento, ou mais especificamente, quando se fala da criança que recebe cuidados responsivos, sentimento de segurança. Referindo-se a essa perspectiva teórica e como a mesma entende a responsividade, Alvarenga et al. (2016, p. 7) explicam que “a relação com um cuidador responsivo estabelecerá um modelo de funcionamento interno caracterizado por um sentimento de segurança relativamente estável”.

Nos moldes de uma explicação mais funcional, Alvarenga et al. (2016) afirmam que esse sentimento de segurança, numa interpretação analítico-comportamental, pode estar relacionado a alguns pressupostos que Skinner chamou de efeitos de fortalecimento e de prazer (correlatos emocionais) advindos das contingências de reforçamento. As autoras explicam que quando o cuidador reage de forma apropriada e imediata às respostas de um bebê, por exemplo, essas se fortalecem no repertório infantil. Paralelamente a esse processo de fortalecimento, ocorre o “efeito de prazer”, ou seja, o bebê experiencia previsibilidade e controle sobre o ambiente bem como sensações de segurança ou confiança. “Assim, os cuidados responsivos do adulto produzidos por comportamentos do bebê, teriam a função eliciadora sobre as respostas emocionais de segurança ou confiança” (p. 9).

A partir disso, evidencia-se outro ponto importante: na Análise do Comportamento, os sentimentos não são as causas. Para Skinner (1977) “o que é sentido pode servir como pista para as contingências” (p. 311). Então, entende-se que o comportamento modificado da criança, como também o do cuidador, é produto das contingências de reforçamento. Neste ponto em específico, embora as principais definições sejam internalistas em relação ao fenômeno, elas convergem com a Análise do Comportamento no sentido de que a ação do

cuidador altera o comportamento da criança, assim como tal modificação mantém o comportamento responsivo do cuidador.

No entanto, o problema de uma explicação mentalista, como a citada por Alvarenga et al. (2016), é que ela não descreve detalhes de como os eventos (variáveis) relacionam-se entre si, ou seja, impossibilita uma análise funcional do fenômeno ao passo que atribui a eventos internos, não observáveis, a explicação para fenômenos comportamentais.

Schlinger (1995) vai mais além ao questionar tais modelos explicativos, afirmando que teorias que não interpretam fenômenos do desenvolvimento em termos de unidades comportamentais ambientais funcionais violam alguns critérios da ciência. Referindo-se à Teoria do Apego, especificamente acerca do conceito de modelos de trabalho interno, o autor exemplifica como Bowlby atribui a processos internos a explicação para fenômenos de apego, isto é, fenômenos comportamentais. Segundo o autor, tais processos se dão via interações individuais da criança com o ambiente que, no caso, são os cuidadores. Schlinger (1995, p. 189), apropriando-se da explicação de Bretherton, destaca:

Bretherton (1987) oferece um exemplo dos tipos de modelos de trabalho internos que podem desenvolver-se dadas certas experiências ambientais e como modelos de trabalho do desenvolvimento do *self* como uma função de interações com o cuidador principal: uma criança que experencia - e conseqüentemente representa - figuras de apego como primariamente rejeitando podem formar um modelo de trabalho interno complementar do *self* como pobre. Similarmente, uma criança que experencia uma figura parental como emocionalmente disponível e acolhedora pode mais provavelmente construir um modelo de trabalho do *self* como competente e simpático (p. 1067). Uma vez que os processos internos são dados como existentes,

Bowlby, como Freud, atribui a eles as propriedades necessárias para explicar fenômenos do apego.³²

Além de evidenciar que quem confere o status/caráter explicativo à entidade interna é o próprio autor, da mesma forma que Skinner (1977) afirma em relação ao status dado ao comportamento do cão no experimento de Pavlov, no sentido de que quem associa não é o cão, mas sim o experimentador, Schlinger (1995) utiliza esse modelo explicativo para questionar se isso é necessário e até mesmo útil para explicar a relação entre a forma com que os cuidadores lidam com a criança e os efeitos comportamentais sobre a mesma.

A crítica relacionada à dificuldade de uma explicação funcional também é argumentada por Gewirtz (1977 apud Schlinger, 1995) ao avaliar o estudo de Bell e Ainsworth (1972) acerca da correlação entre o responder responsivo da mãe e a frequência/duração do choro da criança. Para o autor, neste estudo foram omitidos detalhes importantes necessários para uma análise funcional da interação, como por exemplo a descrição e definição da classe de respostas³³ e as contingências específicas entre o responder da mãe e da criança. Neste sentido, ele apresenta um possível entendimento dessa relação em termos de condicionamento operante:

Uma mãe responsiva pode modelar efetivamente choros altos e longos de seu infante tanto ignorando choros curtos e de baixa intensidade, e por responder rapidamente apenas a choros de alta intensidade e longa duração. Uma segunda mãe responsiva pode modelar choros curtos de baixa intensidade de seu infante tanto por ignorar os

³² Original: “Bretherton (1987) offers an example of the types of possible internal working models that might develop given certain environmental experiences and how internal working models of the self develop as a function of interactions with the principal caregiver: (a) child who experiences – and hence represents – attachment figures as primarily rejecting may form a complementary internal working model of the self as unworthy. Similarly a child who experiences a parental figure as emotionally available and supportive will most probably construct a working model of the self as competent and lovable” (Schlinger, 1995, p. 189).

³³ “Por classe de respostas, queremos dizer todas as variadas formas de resposta que acompanham a mesma função...Frequentemente os membros de uma classe de resposta podem ter variações altamente similares em um mesmo tema... Em outros casos, eles podem ter pouca semelhança um com o outro. A característica comum é que eles têm o mesmo efeito no ambiente, ou respondem ao mesmo estímulo no ambiente (Bijou, 1993/1995, p. 32).

precursores de choros altos, prolongados e gritantes, quanto por responder rapidamente e decisivamente apenas a choros curtos e de baixa intensidade. Ainda, uma terceira mãe responsiva pode facilitar comportamento incompatível com o choro de seu infante; ela pode responder apenas a precursores curtos e de baixa intensidade do choro de seu infante e/ou respostas de não-choro, educando uma criança que raramente chora (principalmente quando eventos dolorosos eliciam o choro) (Gewirtz, 1977, p. 43 apud Schlinger, 1995, p. 193).³⁴

De tal forma, segundo Alvarenga et al. (2016) na Análise do Comportamento, a responsividade pode ser entendida como um repertório amplo de respostas discriminativas dos pais que são contingentes às respostas da criança (e.g. sinalizações), sendo que sua probabilidade de ocorrência está relacionada a diferentes tipos de respostas. Nesse sentido, tal repertório é fundamentado por processos de discriminação operante e generalização.

O processo de discriminação operante é de extrema importância para o processo de desenvolvimento (Bijou 1993/1995). De acordo com Bijou e Baer (1969/1976) e Bijou (1993/1995), alguns estímulos que precedem e controlam o comportamento podem exercer tal controle não somente evocando respondentes, mas sinalizando tipos de reforçamentos como consequência de certos operantes. Esses estímulos são referenciados na Análise do Comportamento como estímulos discriminativos, ou seja, “quando os estímulos se tornam efetivos como sinais” (Catania, 1999, p. 38).

Nas palavras de Bijou e Baer (1969/1976) a discriminação operante envolve: “qualquer estímulo que sinaliza uma ocasião ou lugar de reforçamento, positivo ou negativo,

³⁴ Original: one responsive mother may shaper effectively her infant's loud, lengthy cries by ignoring both short, low intensity cries, and by responding expeditiously only to high-intensity, long-duration cries. a second responsive mother may shape the short low-intensity cries of her infant by ignoring both the precursors of crying and lengthy, loud cries, while she responds rapidly and decisively only to short, low-intensity cries. in yet another contrast, a third responsive mother may foster behavior incompatible with her infant's crying; she may respond with dispatch only to short, low-intensity precursors of her infant's crying and/or to noncrying responses, to rear a child who cries rarely (and them mainly when painful events elicit crying) (Gewirtz, 1977, p. 43 apud Schlinger, 1995, p. 193).

sendo apresentado ou eliminado” (p. 70)³⁵. Em outras palavras, “qualquer desses estímulos é referido como tendo uma propriedade funcional discriminativa, e é definido como um estímulo que marca, sugere, ou sinaliza um provável tempo ou lugar no qual reforçadores, positivos ou negativos, podem ser apresentados ou removidos” (Bijou, 1993/1995, p. 94)³⁶. Assim, é importante destacar que, mesmo que a característica principal de um comportamento operante seja a sensibilidade às consequências, um estímulo que precede uma resposta operante pode controlá-la pela indicação da natureza da contingência da mesma.

No caso do comportamento responsivo, como poder-se-ia descrevê-lo em tais termos? A mãe, sendo um estímulo sociocultural da criança (Bijou, 1993/1995), assume função de estímulo discriminativo em relação à criança, sinalizando reforçadores variados. Para Bijou e Baer (1969/1976), a criança nasce pronta para receber reforçadores, porém não tem repertório de conhecimento acerca de como ter acesso a eles, sendo a mãe, portanto, responsável por sinalizá-los para a criança.

Por exemplo, a mãe é um estímulo discriminativo para muitos reforçadores: ela traz leite à criança, ajusta sua temperatura cobrindo-a com suéteres e cobertores, embala a criança para que durma, resgata-a de alfinetes abertos, troca suas fraldas ou molhadas e irritantes, e assim por diante. Posteriormente, a criança pode aprender que a aprovação da mãe, um estímulo discriminativo particular que ela pode prover, é um estímulo discriminativo para outros reforçadores importantes: biscoitos, permissão para brincar fora ou para passar a noite na casa de um amigo, a compra de uma bicicleta, etc (Bijou & Baer, 1969/1976, p. 71).

Na citação de Bijou e Baer (1969/1976), apresentou-se como a mãe pode estabelecer-se como um estímulo discriminativo para a criança durante seu desenvolvimento. No caso do

³⁵ Original: “cualquier estímulo que señala una ocasión o lugar de reforzamiento, positivo o negativo, siendo presentado o eliminado (Bijou e Baer, 1969/1976, p. 70).

³⁶ Original: “Any such stimulus is said to have a discriminative functional property, and is defined as a stimulus that marks, cues, or signals a probable time or place at which reinforcers, positive or negative, will be present or removed” (Bijou, 1993/1995, p. 94).

comportamento responsivo do cuidador, a discriminação ocorre ao passo em que as respostas da criança (sinalizações) funcionam como estímulos discriminativos para o comportamento parental, dado que numa história comportamental, responder a tais sinais de formas específicas (e.g., acolhimento, alimento) produziu consequências reforçadoras, como mudanças no comportamento da criança (e. g., calma, saciada). Assim,

Quando o responder é reforçado apenas na presença de alguns estímulos, dizemos que o reforço é correlacionado com aquele estímulo. Uma classe de resposta criada por este reforço diferencial em relação às propriedades do estímulo é chamada de operante discriminado... Os estímulos discriminativos correspondem aos estímulos coloquialmente denominados de sinais ou pistas. Eles não eliciam respostas. Mais precisamente, eles estabelecem a ocasião em que as respostas têm consequências (Catania, 1999, p. 145-146).

Nesse sentido, no processo de discriminação operante, um indivíduo emite uma resposta específica em uma situação e responde diferentemente em outra. Então, o processo de discriminação ocorre quando “os estímulos que ocasionaram o responder vieram a conformar-se estreitamente com a classe de estímulos correlacionada com o reforço... e o responder sob tal controle de estímulo é denominado de comportamento *discriminado*” (Catania, 1999, p. 148).

Dessa forma, o responder responsivo do cuidador é um repertório discriminativo, ou seja, deve variar a depender do sinal dado pela criança (e. g. tipo de sinalização). “Por exemplo, para ser considerada uma cuidadora sensível, a mãe deve responder oferecendo o seio ao bebê diante de uma grande quantidade de contextos antecedentes (e.g choro, agitação motora, vocalização, sorriso, etc)” (Alvarenga et al., 2016, p. 8).

Como um processo complementar, ocorre também o processo de generalização, quando o efeito do reforço na presença de um estímulo dispersa para outros estímulos não-

correlacionados com o reforço (Catania, 1999). Acerca desse processo, Keller (1969/1973) afirma:

Alguns casos de “aprendizagem” não se qualificam nitidamente como tal. Representam, ao invés, o reaparecimento de comportamentos que já foram bem reforçados sob as mesmas, ou aproximadamente as mesmas, condições [...] Pode-se então dizer que, quando um operante ou um respondente foi condicionado em uma dada situação-estímulo, poderá ser evocado, sem condicionamento posterior, em uma outra situação-estímulo. A isto se acrescenta que o poder dos novos estímulos podem se generalizar. Tons, por exemplo, generalizarão ao longo da escala de frequência de vibrações sonoras (tonalidade), de uma escala de energia (altura) e possivelmente de outras escalas. Um contínuo comparável existe na visão, no tato e nos outros sentidos (Keller, 1969/1973, p. 29-31).

Na mesma linha, acerca do processo de generalização, Millenson (1967/1943) descreve que:

Tendo fortalecido uma resposta na presença de um estímulo, a resposta ocorrerá, embora com menor força, na presença de outros estímulos relacionados. Se um determinado estímulo é muito semelhante ao estímulo de treino, ele pode controlar a resposta quase tão bem quanto o estímulo real de treinamento (Millenson, 1967/1943, p. 205).

No que diz respeito ao comportamento responsivo, o cuidador pode responder dando alimento a um sinal de choro de sua criança, e posteriormente, responder a um sinal semelhante, como por exemplo outro sinal de desconforto da criança (e.g. um choro mais breve). Neste aspecto, segundo Keller (1969/1973):

“O fato é este: uma criança, ou um adulto, que foram condicionados a responder de uma certa maneira a uma dada situação, responderão ainda da mesma maneira

quando cada um dos elementos da situação tiver sido alterado ao longo de um ou mais contínuos básicos, ou mesmo quando alguns elementos da situação original não estiverem presentes (p. 31).

Entendendo a responsividade materna como um comportamento operante, ou seja, sensível às consequências que produz, é importante também destacar dois princípios desse tipo de comportamento. O primeiro refere-se ao gradiente temporal de reforçamento, entendido pela rapidez com a qual a consequência sucede uma resposta. Bijou e Baer (1969/1976) descrevem essa característica como sendo fundamental para a força de uma resposta, sendo que quanto mais imediata for a apresentação da consequência reforçadora, mais efetiva será a aquisição de força na relação entre os componentes que constituem um comportamento. Esse princípio, embora descrito com outras palavras, é sugerido na definição de Bornstein e LeMonda (1989), autores mais citados nas definições dos artigos selecionados, sendo inclusive corroborado pela maioria dos autores citados, conforme mencionado na primeira categoria de análise. O ponto em comum identificado aparece quando os autores defendem que a responsividade precisa ocorrer prontamente para ser efetiva. Os autores utilizam inclusive o termo “comportamentos imediatos”, entendendo que a resposta da mãe deve estar relacionada temporalmente com a ação da criança.

O segundo princípio importante destacado por Bijou e Baer (1969/1976) e que se considera relevante para uma interpretação da responsividade como um comportamento operante elucida-se pelo seguinte enunciado (p. 67): “a força de um operante depende do número de vezes que foi reforçado no passado. Quanto mais vezes produziu reforços positivos ou eliminou reforços negativos, mais forte se torna dentro de certos limites.”³⁷ Esse aspecto não foi claramente evidenciado nas definições do conceito identificadas nos artigos

³⁷ Original: “la fuerza de una operante depende del número de veces que ha sido reforzada en el pasado. Mientras más a menudo haya producido reforzadores positivos o eliminado reforzadores negativos, más fuerte se hace dentro de ciertos límites; mientras más a menudo haya producido reforzadores negativos, estímulos neutrales o la eliminación de reforzadores positivos, se vuelve más débil” (Bijou e Baer, 1976, p. 67).

selecionados. Entretanto, numa interpretação analítico-comportamental, é fundamental reconhecer essa característica, uma vez que se entende que é a história de reforçamento, ou seja, a “soma” das contingências experienciadas, que irá determinar o desenvolvimento dos repertórios comportamentais, tanto do cuidador quanto da criança, e não eventos isolados³⁸. Aqui vale ressaltar o destacado na introdução acerca de como a Análise do Comportamento compreende o desenvolvimento, como algo contínuo (Vasconcelos, Naves & Ávila, 2010).

Considerando esses conceitos apresentados, um estudo de base analítico-comportamental que pode ser citado de forma a elucidar uma possível relação com o conceito de responsividade apresentado na literatura dos artigos selecionados é o de Pelaez, Virues-Ortega e Gewirtz (2012). Esse estudo objetivou investigar o fenômeno descrito como referência social³⁹, considerada uma habilidade pré-requisito para a aquisição da linguagem na infância precoce. O experimento consistiu em um procedimento de treino de discriminação com bebês de 4 a 5 meses e suas mães. As mães foram treinadas para consequenciar aos comportamentos do infante com respostas faciais de sorriso e expressão temerosa, a depender do comportamento da criança. Se a criança, exposta a um objeto ambíguo (foram apresentados vários objetos) apresentasse um comportamento de explorar o objeto (dirigir-se ao mesmo) após uma resposta de medo da mãe, um estímulo punitivo era apresentado (2 segundos de som detestável e uma luz azul) e, do contrário, era apresentado um estímulo reforçador (3 segundos de som agradável como músicas para bebê, luzes coloridas brilhantes e acesso ao objeto). Os resultados indicaram que as expressões faciais da mãe (medo e

³⁸ É importante levar em consideração a discussão que existe na Análise do Comportamento a respeito desse aspecto, conforme enaltecem Bijou e Baer (1969/1976, p. 68): “es posible para una respuesta ser fortalecida considerablemente como consecuencia de un solo reforzamiento. Así, esperaríamos que se llevara al cabo tal fortalecimiento si el intervalo entre respuesta y reforzamiento fuera muy pequeño, si los reforzadores fueran muy poderosos; (...) si la respuesta misma fuera simple, y si ésta ya había sido fortalecida considerablemente en alguna otra situación semejante”.

³⁹ “Social referencing can be analyzed as a behavior chain in which the presence of an ambiguous object or event signals the gaze shift of an infant towards another person, typically the mother, whose facial, vocal, and gestural expressions may then serve as discriminative stimuli for a subsequent approach response” (Feinman & Lewis, 1983; Gewirtz & PelaezNogueras, 1992; Repacholi, 2009 in Pelaez et al., 2012, p. 23).

alegria) adquiriram controle sobre a abordagem dos bebês aos objetos ambíguos. De forma semelhante a definições de responsividade apresentadas nos artigos selecionados, os resultados desse estudo mostraram que as respostas da mãe de forma contingente aos sinais da criança modificaram o comportamento dos infantes, e, na Análise do Comportamento, isso evidencia o papel do condicionamento operante no desenvolvimento do comportamento de referência social.

No caso da definição de Bornstein e LeMonda (1989), por exemplo, a responsividade consiste em uma cadeia de eventos de três termos e no estudo de Pelaez et al. (2011), o episódio de referência social é caracterizado por quatro termos. No entanto, o único componente descrito a mais nesse artigo é o da apresentação de um estímulo ambíguo que antecede o comportamento da criança, ou seja, representa a descrição da circunstância sob a qual a criança se comporta. Comparando de forma respectiva à cadeia de eventos enumerada na definição de responsividade de Bornstein e LeMonda (1989), entende-se que há uma semelhança significativa na compreensão do processo nomeado como referência social, apresentado por Pelaez et al. (2011). Tal possibilidade é ilustrada na Tabela 2.

Tabela 2

Similaridades entre formas de interpretação para o fenômeno responsividade materna.

Artigo	Descrição do processo de interação cuidador-criança			
Bornstein e LeMonda (1989)	Os autores não descrevem, porém aqui considera-se o contexto em que a criança se comporta (e.g. presença do cuidador).	1. Ação da criança (sinal da criança)	2. Uma reação dos pais (resposta do cuidador)	3. Reflexo dessa última sobre a criança (mudança no comportamento da criança)
Pelaez et al. (2011)	1. Apresentação de um objeto ambíguo	2. Mudança de olhar da criança para o adulto (sinal da criança)	3. Expressão facial apresentada pelo adulto (resposta do cuidador)	4. Comportamentos da criança relacionados ao evento (mudança no comportamento da criança)

Os pontos em comum identificados nas duas formas de interpretação da interação cuidador-criança referem-se ao sinal da criança, à resposta do cuidador e à mudança no comportamento da criança. Estes são componentes que aparecem em ambos os modelos interpretativos e que, embora possam ser conceituados de maneira diferente quanto à topografia e nomeação (e.g. responsividade materna *versus* referência social), ambos tratam de um processo de interação entre cuidador-criança, no qual o comportamento do cuidador, após interpretar um sinal da criança, exerce influência sobre o comportamento da mesma. Entende-se ser possível essa aproximação, visto que, de uma perspectiva analítico-comportamental:

o comportamento da criança ou do adolescente deve constituir de forma consistente a estimulação antecedente para o comportamento de cuidado dos pais. Parece fundamental que o comportamento dos filhos seja, de fato, uma fonte de estímulos antecedentes e consequentes que controla operantes discriminados dos pais (Alvarenga et al., 2016, p. 17).

Sabe-se que essa comparação não foi realizada com um critério sistematizado e aprofundado, mas, nesse contexto, ela serve ao propósito deste trabalho, que é propor reflexões buscando identificar o que, a partir da literatura encontrada sobre o conceito de responsividade materna, pode ser sugerido em termos de uma teoria analítico-comportamental, visto que, conforme elucida Rudio (2007), o cientista busca as palavras que julga mais adequadas para expressar o que conhece, logo, “o mesmo conceito pode ser indicado por palavras diferentes” (p. 26).

Por fim, numa perspectiva analítico-comportamental, o comportamento do cuidador responsivo em termos de interpretar os sinais da criança é entendido por um “complexo processo de variação e seleção, que envolve, além de variáveis filogenéticas e ontogenéticas,

determinantes relacionados às práticas culturais do grupo social no qual a família está inserida” (Alvarenga et al., 2016, p. 7).

Nesse sentido, Skinner (1974/2006) afirma que, erroneamente, à Análise do Comportamento direciona-se a crítica de não reconhecer que o que mais importa é a forma como alguém interpreta uma determinada situação, entretanto, o autor descreve como isso é entendido em termos comportamentais: “para investigar como uma situação parece a determinada pessoa, ou como ela a interpreta, ou que significado tem para ela, precisamos examinar-lhe o comportamento em relação à situação, inclusive suas descrições dela, e só podemos fazer isso em termos de suas histórias genética e ambiental” (p. 69).

Nessa linha, entende-se ser necessária, para uma interpretação analítico-comportamental da responsividade materna, uma tentativa de diálogo com outras teorias da Psicologia do Desenvolvimento, mesmo que estas sejam de origem estruturalista ou mentalista. Além disso, essa interpretação na Análise do Comportamento, deve levar em conta os três níveis de seleção do comportamento: filogênese, ontogênese e cultura.

Considerando os apontamentos destacados nesse tópico a respeito das explicações estruturalistas e funcionais, entende-se ser adequada a adoção de uma postura flexível, apoiada numa proposta de Matos (1983). A autora, numa tentativa de integrar a dimensão estrutural e funcional, propõe que a Análise do Comportamento poderia beneficiar-se da adoção de uma análise que tome como foco a integração entre os aspectos estruturais - dimensões físicas (e.g. força, latência, topografia) e aspectos funcionais, ou seja, os efeitos que um tem sobre o outro. Todorov (2010) também reitera que a Análise do Comportamento não irá longe se focar-se apenas no aspecto funcional. Para o autor, “processos ocorrem no tempo, com princípio, meio e fim, ou ciclos de recomeço” (p.1), sendo possível identificar em qualquer processo de interação comportamento-ambiente ambos os aspectos.

4. Considerações finais

Na Análise do Comportamento, os conceitos de teoria e desenvolvimento são controversos. Skinner apresenta uma visão polêmica a respeito desses temas, tendo inclusive recebido críticas com o argumento de ser um ateórico. No entanto, Skinner apresenta uma proposta alternativa para o uso da teoria em uma ciência do comportamento, na qual ela deve servir como base para produção de evidências empíricas organizadas no processo de pesquisa sobre o comportamento.

De tal forma, a Análise do Comportamento como uma abordagem relacional, fundamenta suas explicações sobre o comportamento nas propriedades funcionais que são identificadas via história do indivíduo com seu meio, ou dito de outra forma, via regularidades encontradas entre dois (ou mais) eventos (Skinner, 1953/1967).

Encontrou-se nos artigos selecionados para análise, predomínio da Teoria do Apego para a fundamentação das definições do conceito de responsividade materna, sendo identificadas algumas características gerais comuns para a maioria dos autores, que são: 1) a compreensão da responsividade como um fenômeno que se dá na interação cuidador-criança; 2) a responsividade para ser efetiva precisa ocorrer de maneira contingente ao comportamento da criança; 3) a responsividade envolve fenômenos internos.

Considerando o objetivo deste trabalho, que consiste na identificação das principais conceituações de responsividade materna apresentadas na literatura e a posterior discussão destas nos termos da Análise do Comportamento, elencaram-se alguns conceitos dessa perspectiva que, de forma articulada, permitem uma leitura do fenômeno. Tais conceitos são: comportamento operante, efeitos de fortalecimento e de prazer, discriminação operante e generalização.

Além disso, identificou-se por intermédio de um estudo de base analítico-comportamental (Pelaez et al. (2011), que uma das principais definições encontradas na

literatura sobre responsividade permite estabelecer conexões com a maneira de interpretar os fenômenos na perspectiva da Análise do Comportamento. Nessa linha, verificou-se que ambas as formas de descrever o fenômeno (Pelaez et al., 2011 e Bornstein & LeMonda, 1989) consideravam um processo interativo entre a díade cuidador-criança de forma que a resposta da criança era interpretada pelo cuidador e produzia uma mudança de comportamento na criança.

Dessa forma, propõe-se que as divergências no que concerne à descrição acerca do fenômeno está relacionada, em alguns aspectos, com a questão do uso de termos/palavras diferentes, como identificado na comparação apresentada na última categoria entre dois estudos (Pelaez et al., 2011 e Bornstein & LeMonda, 1989). Tal diferenciação ocorre tendo em vista a noção de comportamento adotada em cada teoria, o que não necessariamente é algo negativo, é uma característica da ciência como um todo. Rudio (2007) inclusive discute sobre essa característica no campo da ciência, enaltecendo que conceitos semelhantes muitas vezes são apresentados com palavras diferentes, tendo em vista a maneira de cada autor interpretar o fenômeno.

No entanto, acerca da influência das bases teórico-filosóficas de cada abordagem do desenvolvimento na descrição/interpretação dos conceitos, entende-se que, como mencionado na introdução, o fato de a Análise do Comportamento não predominar no campo de estudos da Psicologia do Desenvolvimento pode estar relacionado à restrição do uso de alguns termos comuns nesse campo da Psicologia, como é o caso dos termos desenvolvimento e responsividade. Nesse sentido, entende-se ser necessário, para uma interpretação analítico-comportamental da responsividade materna, uma tentativa de diálogo com outras teorias da Psicologia do Desenvolvimento, mesmo que estas sejam de origem estruturalista ou mentalista, uma vez que “as unidades básicas do comportamento podem ajudar a unificar as várias subáreas da Psicologia do desenvolvimento” (Schlinger, 1995, p. 35).

Por fim, concluímos, assumindo a defesa apresentada por Matos (1983), no sentido de que os analistas do comportamento podem beneficiar-se da adoção de uma postura teórico-científica que busque equilibrar aspectos estruturais e funcionais para a explicação de fenômenos comportamentais. Entendemos que tal proposta, longe de abandonar a postura crítica de Skinner em relação a análises mentalistas e estruturalistas, permite o aproveitamento de ambas as análises, culminando num processo mais completo de compreensão dos fenômenos do desenvolvimento, como é o caso da responsividade.

Conforme aponta Tourinho (1999, p. 221), os estudos conceituais contribuem para as possibilidades de interlocução entre diferentes abordagens da ciência, “o que propicia maior conhecimento e divulgação da abordagem [...] e estudos conceituais estão sendo desenvolvidos no contexto de relações mais estreitas com as áreas de aplicação de estudos empíricos, gerando novas referências a partir das quais trabalhos originais e relevantes podem ser realizados”.

Nesse sentido, acredita-se que a principal contribuição deste trabalho está relacionada com a inserção de um conceito importante da Psicologia do desenvolvimento infantil, de responsividade, no campo de estudos da Análise do Comportamento. Entende-se que isso pode impulsionar maiores investigações desse fenômeno em termos operacionais, culminando em um aumento de publicações de estudos de base analítico-comportamental relativos a fenômenos como esse na área da Psicologia do Desenvolvimento.

Não havendo uma definição consensual, conforme demonstrou-se nos resultados, uma análise operacional do fenômeno mais completa é fortemente sugerida, visto que a descrição do comportamento em classes de eventos antecedentes, classes de respostas e classes de eventos consequentes permite uma análise funcional da responsividade como explicação alternativa ao que é proposto por teorias desenvolvimentistas, o que, segundo Schlinger (1995), não recebeu a devida atenção nas explicações mentalistas e internalistas.

Entende-se ainda que, no caso do comportamento responsivo, tal proposta pode contribuir no sentido de identificar um número maior de variáveis de ambos os aspectos (estruturais e funcionais), e como consequência, permitir a elaboração de estratégias mais efetivas para o ensino ou promoção desse repertório parental, abarcando inclusive variados contextos, como educação e saúde, por exemplo.

Embora não tenha sido possível destacar mais enfaticamente neste trabalho, sugere-se que a variável cultural seja mais explorada na investigação da responsividade. Conforme aponta Ribas e Moura (2004) há aspectos importantes que evidenciam uma variação cultural nas práticas parentais, como por exemplo diferentes sistemas de cuidado, a ênfase na figura do cuidador primário, cuidados múltiplos e simultâneos. Nesse sentido, a investigação dessa variável pode auxiliar numa proposta de compreensão do fenômeno que enfoque a promoção de diferentes experiências sociais da criança. Desse modo, o que constitui um cuidado responsivo reflete valores éticos próprios da cultura na qual a criança está inserida.

As autoras citadas acima pontuam ainda que esforços em incluir uma abordagem sociocultural em estudos de responsividade pode permitir construir uma definição que considere tanto aspectos universais quanto culturais. De tal modo, pensando a partir de uma ética behaviorista, consequências importantes na sociedade podem advir da educação desse repertório, desde questões relativas às próprias mudanças nas práticas de interação cuidador criança, como maior proximidade e atenção, por exemplo, até o rompimento de paradigmas envolvendo o papel da mulher e do homem na sociedade. Assim, em concordância com autores da área, como por exemplo Ribas, Moura e Júnior (2003), esse conceito deve ser explorado de forma mais ampla, não somente como um atributo exclusivo da mãe.

5. Referências

- Abib, J. A. (2001). Teoria moral de Skinner e desenvolvimento humano. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 14 (1), 107-117.
- Ainsworth, M. D. S., Bell, S. M., & Stayton, D. J. (1974). Infant-mother attachment and social development: "Socialization" as a product of reciprocal responsiveness to signals. In Richards, M. P. M (Ed.). *The Integration of a child into a social world* (pp. 99-135). Cambridge: Cambridge University Press.
- Ainsworth, M. D. S., Blehar, M. C., Waters, E., & Wall, S. (1978). *Patterns of attachment: A psychological study of the Strange Situation*. Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Alvarenga, P. (2006). O desenvolvimento sócio-emocional nos primeiros anos de vida e as contingências em operação na interação pais-criança. In Guilhardi, H. J. (2006). *Sobre Comportamento e Cognição: Expondo a variabilidade*. (vol. 18, pp. 315-324). Santo André, SP: Editores Associados.
- Alvarenga, P., & Picinini, C. A. (2007). O impacto do temperamento infantil, da responsividade e das práticas educativas maternas nos problemas de externalização e na competência social da criança. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 20 (2), 314-323.
- Alvarenga, P.; Dazzani, M. V. M.; Lordelo, E. R.; et al. (2013). Predictors of Sensitivity in Mothers of 8-Month-Old Infants. *Paidéia*, 23 (56), 311-319.
- Alvarenga, P.; Malhado, S. de C. B.; & Lins, T. C. de S. (2014). O impacto da responsividade materna aos oito meses da criança sobre as práticas de socialização maternas aos 18 meses. *Estudos de Psicologia* 19 (4), 305-314.
- Alvarenga, P., Weber, L. N. D., & Bolsoni-Silva, A. T. (2016). Cuidados parentais e desenvolvimento socioemocional na infância e na adolescência: uma perspectiva

analítico-comportamental. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*. 18 (1), 4-21.

- Bettio, C. D. B., & Laurenti, C. (2015). Teoria analítico-comportamental do desenvolvimento: uma proposta filosoficamente consistente? *Encontro Anual de Iniciação Científica*. Disponível em: <http://www.eaic.uem.br/eaic2015/anais/artigos/118.pdf>. Acesso em 05 de janeiro de 2019.
- Bettio, C. D. B., & Laurenti, C. (2016). Contribuições de B. F. Skinner para o estudo do desenvolvimento humano. *Acta Comportamentalia*, 24 (1), 95-108.
- Bijou, S. W., & Baer, D. M. (1969/1976). *Psicologia del desarrollo infantil: teoria empírica y sistemática de la conducta*. México: Trillas.
- Bijou, S. W., & Baer, D. M. (1980). *O desenvolvimento da criança: uma análise comportamental*. São Paulo: EPU.
- Bijou, S. W. (1993/1995). *Behavior Analysis of Child Development*. Context Press: Reno, NV.
- Bornstein, M. H., & LeMonda, T. (1989). Maternal Responsiveness and Cognitive Development in Children. In: Bornstein, M. H. (Org.). *Maternal responsiveness: Characteristics and consequences* (pp. 49-62). San Francisco: Jossey-Bass.
- Bornstein, M. H. & Lamb, M. E. (1992). *Development in infancy: An introduction*. New York: McGraw-Hill.
- Bornstein, M. H.; Tal, J.; Rahn, C.; et al. (1992). Functional Analysis of the Contents of Maternal Speech to Infants of 5 and 13 Months in Four Cultures: Argentina, France, Japan, and the United States. *Developmental Psychology*, 28(4), 593-603.

- Bornstein, M. H., & Tamis-LeMonda, C. S. (1997). Maternal responsiveness and infant mental abilities: Specific predictive relations. *Infant Behavior and Development*, 20(3), 283-296.
- Bornstein, M. H., LeMonda, T.; Hahn, C. S.; et al. (2008). Maternal responsiveness to young children at three ages: Longitudinal analysis of a multidimensional, modular, and specific parenting construct. *Development Psychology*, 44 (3), 867-874.
- Brady, N., Steven, F. W., & Sterling, A. (2009). Interventions aimed at improving child language by improving maternal responsivity. *International Review of Research in Mental Retardation*, 37, 333-357. doi: 10.1016/S0074-7750(09)37010-X.
- Catania, A. C. (1999). *Aprendizagem: Comportamento, Linguagem e Cognição*. (4.ed.). Porto Alegre: Artes Médicas Sul.
- Charlop-Christy, M. H., Carpenter, M., Le, L., Leblanc. L. A., & Kellet, K. (2002). Using the picture exchange communication system (pecs) with children with autism: assessment of pecs acquisition, speech, social-communicative behavior, and problem behavior. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 35 (3), 213-231.
- Damast, A. M., Tamis-LeMonda, C. S., & Bornstein, M. H. (1996). Mother-child play: Sequential interactions and the relation between maternal beliefs and behaviors. *Child Development*, 67(4), 1752-1766.
- De Wolff, M. S., & Ijzendoorn, M. H. (1997). Sensitivity and attachment: A meta-analysis on parental antecedents of infant attachment. *Child Development*, 68 (4), 571-591.
- Drake, E. E., Humenick, S. S., Amankwaa, L., Younger, J., & Roux, G. (2007) Predictors of maternal responsiveness. *Journal of Nursing Scholarship*, 39 (2), 119-125.
- Elias, C., Silva, L., Martins, M., Ramos, N., Souza, M., & Hipólito, R. (2012). Quando chega o fim?: uma revisão narrativa sobre terminalidade do período escolar para alunos

deficientes mentais. *SMAD Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool e Drogas (Edição Em Português)*, 8(1), 48-53.

Gehm, T. P. (2013). *Reflexões sobre o estudo do desenvolvimento na perspectiva da Análise do Comportamento*. (Dissertação de Mestrado). Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo.

Gewirtz, J. L., & Peláez-Nogueras, M. (1992). B. F. Skinner's legacy to human infant behavior and development. *American Psychologist*, 47 (11), 1411-1422.

Gil., M. S. C. A., Oliveira, T. P., & Souza, N. M. (2012). Desenvolvimento Humano. In Hubner, M.M.C., & Moreira (Orgs.). *Temas clássicos da Psicologia sob a ótica da Análise do Comportamento* (pp.129-141). Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.

Isabella, R. A., Belsky, J., & von Eye, A. (1989). Origins of infant-mother attachment: An examination of interactional synchrony during the infant's first year. *Developmental Psychology*, 25(1), 12-21.

Kaufmann, W. E., Kidd, S. A., Andrews, H. F., Budimirovic, D. B., Esler, A., Haas-Givler, B., Stackhouse, T.; et. al. (2017). Autism Spectrum Disorder in Fragile X Syndrome: Cooccurring Conditions and Current Treatment. *Pediatrics*, 139 (3), 194-206.

Kim, S.; Kochanska, G. (2015). Mothers' power assertion; children's negative, adversarial orientation; and future behavior problems in low-income families: early maternal responsiveness as a moderator of the developmental cascade. *Journal of Familiar Psychology*, 29 (1), 1-9.

Keller, F. S. (1969/1973). *Aprendizagem: Teoria do reforço*. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária Ltda.

- Kochanska, G., Forman, D. R., & Coy, K. C. (1999). Implications of the mother-child relationship in infancy socialization in the second year of life. *Infant Behavior & Development, 22*(2), 249-265.
- Kochanska, G. (2002). Committed compliance, moral self, and internalization: a mediational model. *Developmental Psychology, 38*(3), 339-51.
- Kochanska, G.; Forman, D. R.; Aksan, N.; Dunbar, S. B. (2005). Pathways to conscience: early mother-child mutually responsive orientation and children's moral emotion, conduct, and cognition. *Journal of Child Psychology and Psychiatry, 46* (1), pp 19-34.
- Landry, S. H.; Smith, K. E.; Swank, P. R., Assel; M. A.; & Vellet S. (2001). Does early responsive parenting have a special importance for children's development or is consistency across early childhood necessary? *Developmental Psychology, 37* (3), 387-403.
- LeMonda, T.; Bornstein MH, Baumwell L. (2001). Maternal responsiveness and children's achievement of language milestones. *Child Development, 72* (3), 748-67.
- Lordelo, E. R. (2002). Interação social e responsividade em ambientes doméstico e de creche: Cultura e desenvolvimento. *Estudos de Psicologia, 7*, 343-350.
- Maccoby, E., & Martin, J. (1983). Socialization in the context of the family: Parent-child interaction. In E. M. Hetherington (Vol. Ed.) & P. H. Mussen (Series Ed.), *Handbook of child psychology: (Vol. 4)*. New York: John Wiley.
- Mahoney, J. (1988). An Essay on Surrogacy and Feminist Thought. *Law, Medicine and Health Care, 16* (1-2), 81-88.
- Mahoney, G., Perales, F. (2005). Relationship-focused early intervention with children with pervasive developmental disorders and other disabilities: a comparative study. *Journal of Developmental Behavior Pediatric. 26* (2), 77-85.

- Matos, M. A. (1983). A medida do ambiente de desenvolvimento infantil. *Psicologia*, 9 (1), 5-18.
- Millenson, J. R. (1967/1943). *Princípios de Análise do Comportamento*. Tradução de Alina de Almeida Souza Dioue de Rezende. Coordenada – Editora de Brasília.
- Milgrom, J., Westley, D. T., & Gemmill, A. W. (2004). The mediating role of maternal responsiveness in some longer term effects of postnatal depression on infant development. *Infant Behavior and Development*, 27 (4), 443-454.
- Moerk, E. (1990). Three-term contingency patterns in mother-child verbal interactions during first-language acquisition. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior* 54 (3), 293-305.
- Noronha, D. P.; Ferreira, S. M. S. P. (2000). Revisões de literatura. In: Campello, B. S.; Condón, B. V.; Kremer, J. M. (orgs.) *Fontes de informação para pesquisadores e profissionais*. Belo Horizonte: UFMG.
- O’Neal, C. R.; Weston, L.; Brook, G.; et al. (2017). Maternal responsivity to infants in the “High Chair”assessment: Longitudinal relations with toddler outcomes in a diverse, low-income sample. *Infant Behavior & Development*, 47, 125–137.
- Patterson, S. Y. ; Elder, L. ; Gulsrud, A. ; et al. (2014). The association between parental interaction style and children’s joint engagement in families with toddlers with autismo. *Autism: The International Journal of Research and Practice*, 18(5), p.511-518.
- Pelaez, M., Gewirtz, J. L., & Wong, S. E. (2008). A critique of stage theories of human development. Em: B. A. Thyer, K. M. Sowers, & C. N. Dulmus (Orgs.). *Comprehensive handbook of social work and socialwelfare: Human behavior in the social environment* (pp. 503-518). Canadá: John Wiley & Sons.

- Pelaez, M., Virues-Ortega, J., & Gewirtz, J. L. (2011). Reinforcement of vocalizations through contingent vocal imitation. *Journal of applied behavior analysis*, *44*(1), 33-40.
- Piccinini, C. A.; Marin, A. H.; Alvarenga, P.; et al. (2007). Responsividade materna em famílias de mães solteiras e famílias nucleares no terceiro mês de vida da criança. *Estudos de Psicologia* *12* (2), 109-117.
- Pollard, J. S., Bets, A. M., & Higbee, T. S., (2012). Script fading to promote unscripted bids for joint attention in children with autism. *Journal of Applied Behavior Analysis* *45* (2), 387-393.
- Ribas, A. F. P., Moura, M. L. S., & Ribas Junior, R. C. (2003). Responsividade materna: levantamento bibliográfico e discussão conceitual. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, *16* (1), 137-145.
- Ribas, A. F. P., Moura, M. L. S. (2004). Responsividade Materna e Teoria do Apego: Uma Discussão Crítica do Papel de Estudos Transculturais. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, *17* (3), 315-322.
- Ribas, A. F. P.; Moura, M. L. S. de. (2006). Responsividade materna: uma investigação em contexto urbano brasileiro. *Journal of Human Growth and Development*, *16*(1), 01-11.
- Ribes, E. (1996). Reflexiones sobre la naturaliza de uma teoria del desarrollo del comportamiento y su aplicación. In Bijou, S. W., & Ribes, E. (Cords.). *El desarrollo del comportamiento* (pp. 267-282). México: Universidade de Guadalajara.
- Richter, L. (2004). *The importance of caregiver-child interactions for the survival and healthy development of young children*. World Health Organization. Recuperado de <http://apps.who.int/iris/bitstream/10665/42878/1/924159134X.pdf>.

- Riggs, L.; Holmbeck, G.; Paikoff, R.; et al. (2004). Teen Mothers Parenting their Own Teen Offspring: The Moderating Role of Parenting Support. *The Journal of Early Adolescence*, 24(3), 200–230.
- Rudio, F. V. (2011). *Introdução ao Projeto de Pesquisa Científica*. Petrópolis: Vozes.
- Smith, K. E.; Landry, S. H.; Swank, P. R. (2006). The role of early maternal responsiveness in supporting school-aged cognitive development for children who vary in birth status. *Pediatrics*, 117 (5), 1608-1617.
- Schlinger, H. D. (1995). *A behavioral analytic view of child development*. New York: Plenum.
- Skinner, B. F. (1945). The operational analysis of psychological terms. *Psychological Review*, 52(5), 270-277.
- Skinner, B. F. (1950). Are theories of learning necessary? *Psychological Review*, 57(4), 193-216.
- Skinner, B. F. (1969). *Contingencies of reinforcement: A theoretical analysis*. New York: Appleton-Century-Crofts.
- Skinner, B. F. (1974/2006). *Sobre o Behaviorismo*. São Paulo: Cultrix.
- Skinner, B. (1977). Why I am not a cognitive psychologist. *Behaviorism*, 5(2), 1-10.
- Suor, J. H.; Sturge-Apple, M. L.; Skibo, M.A. (2017). Breaking cycles of risk: The mitigating role of maternal working memory in associations among socioeconomic status, early caregiving, and children's working memory. *Developmental Psychopathology*. 29 (4), 1133-1147.
- Taylor, B. A., DeQuinzio, J. A., & Stine, J. (2012). Increasing observational learning of children with autism: a preliminary analysis. *Journal of Applied Behavior Analysis*. 45 (4), 815-820.
- Teles, A. X. (1984). Introdução – II: Método da Psicologia. In: *Psicologia Moderna* (pp. 18-28). São Paulo: Ática.

- Todorov, J. C. (1989). A Psicologia como estudo de interações. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 5, 347-356.
- Todorov, J. C. (2010). Só com função não iremos longe estudando processos de interação comportamento-ambiente. Disponível em: <http://jctodorov.blogspot.com/2010/04/estrutura-funcao-e-desenvolvimento-de.html> . Acesso em 15 de janeiro de 2019.
- Tombeau Cost, K.; Unternaehrer, E.; Plamondon, A.; et al. (2017). Thinking and doing: the effects of dopamine and oxytocin genes and executive function on mothering behaviours. *Genes, Brain & Behavior*. 16 (2), 285-295.
- Tourinho, E. Z. (1999). Estudos conceituais em Análise do Comportamento. *Temas em Psicologia*, 7 (3), 213-222.
- Tourinho, E. Z. (2003). A produção de conhecimento em Psicologia: a Análise do Comportamento. *Psicologia, Ciência e Profissão*, 23(2), 30-41. doi: 10.1590/S1414-98932003000200006.
- Vasconcelos, L. A., Naves, A. R. C. X., & Ávila, R. R. (2010). Abordagem analítico-comportamental do desenvolvimento. In Tourinho, E. Z., & Luna, S. V. (Org.). *Análise do Comportamento: Investigações Teóricas, Conceituais e Aplicadas*. (pp. 125-151). São Paulo, SP: Roca.
- Van den Boon, D. C. (1994). The influence of temperament and mothering on attachment and exploration: an experimental manipulation of sensitive responsiveness among lower-class mothers with irritable infants. *Child Development*, 65 (5), 1457-1477.
- Ventura, A. K. (2017). Associations between Breastfeeding and Maternal Responsiveness: A Systematic Review of the Literature. *Advances in Nutrition*, 8 (3), 495-510.
- Wahler, R. (1980). The insular mother: her problems in parent-child treatment. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 13 (2), 207-219.

- Wakschlag, L. S., Hans, S. L. (1999). Relation of maternal responsiveness during infancy to the development of behavior problems in high-risk youths. *Developmental Psychology*, 35, 569–579.
- Watson, L. R.; Crais, E. R.; Baranek, G. T.; et al. (2017). Parent-Mediated Intervention for One-Year-Olds Screened as At-Risk for Autism Spectrum Disorder: A Randomized Controlled Trial. *Journal of Autism Developmental Disorder*. 47 (11), 3520-3540.
- Weijer-Bergsma, E.; Wijnroks, L.; van Haastert, I. C.; et al. (2016). Does the development of executive functioning in infants born preterm benefit from maternal directiveness? *Early Human Development*. 103, 155-160.